J029

Núm. 75

Tomo 7.º

nós

CASTELAO

NÓS.

BOLETÍN MENSUAL
da
CULTURA GALEGA

Direitor Literario
Vicente Risco

Direitor Artístico
Alfonso R. Castelao

Adeministrador
ANXEL CASAL

DIREICIÓN E REDAUCIÓN:
Sto. Domingo, 47—OURENSE

ADEMINISTRACIÓN:
Real, 36 1.°—A CRUÑA

ABONAMENTO

Doce númaros, na Peninsua	6'00	*pesetas.*
Fora da Peninsua	8'00	»
Númaro solto	0'70	»

Os pagos son adiantados e os gastos de xiro de conta dos suscritores

NOTA

Este boletin non pubricará mais orixinás qu'os que foran direitamente solicitados pol-a Direición. Tampouco se fai solidario das ideas n-eles emitidos, a non ser dos que por non iren rubrados, enténdense que son da Redaución.

SUMARIO

A sinificación profunda do galeguismo, POR A. LOUSADA DIÉGUEZ.
Joias arcaicas encontradas em Portugal, POR MÁRIO CARDOZO.
Duas Notas, POR XOSÉ FILGUEIRA VALVERDE.
Os homes, os feitos as verbas, POL-A REDAUCIÓN.

Reloxería ZENITH

MAQUINAS PARLANTES. DISCOS
AGULLAS e ACCESORIOS

M. CALVIÑO - Ourense

Vicente Risco

Abogado

Santo Domingo, 47-2.° Ourense

PUBLIC.S

nós

BOLETIN MENSUAL DA CULTURA GALEGA

Ano XII ★ Ourense 15 de Marzal do 1930 ★ Núm. 75

A sinificación profunda do galeguismo

Veleiquí un novo escrito inédito do noso inesquecente Lousada Diéguez, qu'atopamos antr'os nosos papeis. É d'un tempo de fonda comoción social, e ten mais ben un caraute d'intimidade, non tendo sido escrito pra o púbrico, senón pra un amigo coma il ardendo na paixón galeguista.

Coma caraiterístico do seu fondo e generoso pensamento, e co desexo de que se non perda nen a mais pequena migalla da sua obra, dámolo hoxe eiquí.

D'iste geito, o esprito lumioso do noso sabio amigo irá deixando ainda iste ronsel de inteligenza pra nos alumear nas horas d'incerteza.

I

Estáse producindo no mundo unha gran revolta, a loita dos obreiros cos capitalistas, a guerra social. O estado de guerra mundial espállase mais cada día.

Nós pensamos qu'esta gran revolta ten a orige na artificialidade esencial da vida moderna, no leixamento da natureza, fiando todo o progreso humán y-o perfeicionamento do home na potencialidade económica e industrial e na concentración nas grandes cidades.

O nacionalismo galego, diante dos probremas do mundo, sinifica unha chamada â vida mais natural, mais a carón da Terra.

Na custión social, nin obreiros nin capitalistas teñen razón. Ningunha trasformación do régime pode remediar nada. Os obreiros non remediarán nada con derribaren o régime capitalista, si é que siguen junguidos ô industrialismo.

Obreiros e capitalistas son homes que teñen a mesma doenza da vida moderna, sen mais ideal qu'a satisfaición económica. A trasformación hase faguer, non no régime, senón na concencia dos homes. Un eixempro: Epulón ten moito ouro, e Lázaro non ten mais qu'un coíño; supoñede qu'os homes desfán o valor do ouro d'Epulón, já Lázaro é mais rico co seu coíño. Hai que valorar mais a fondo os elementos imponderábeles da vida humán.

I I

Na Hespaña a desfeita social acrescéntase por unha desfeita política. Querse seguir descoñecendo a eisistenza de pobos que se ven sometidos a unha uniformidade políteca, jurídeca y-adeministrativa sen eixempro. Querse seguir gobernando ôs pobos hespañois polos mesmos partidos e do mesmo geito que nos anos vergoñentos do desastre.

O nacionalismo galego, diante dos probremas da Hespaña sinifica unha renovación ausoluta non só dos sistemas de políteca, senón da mesma Costitución políteca do Estado: orgaización federativa, repersentación proporcional.

I I I

Na Galiza presenta dous probremas principás: un económico, liberdade da terra; outro políteco: liberdade do sufragio, da soberanía popular galega; y-un geral: a desgaleguización de Galiza.

Ademais do qual, Galiza vese afectada pol-as consecuencias dos erros dos gobernos de Hespaña, e do seu atraso políteco.

O nacionalismo galego, diante dos probremas de Galiza procrama a persoalidade geográfica, histórica e espirtual da nosa Terra, e sinifica pra ela autonomía en todol-os órdenes, sinifica a nosa espirtualidade engebre manifestándose na sua peculiaridade na vida hespañola e na vida mundial. (1)

† ANTÓN LOUSADA DIÉGUEZ.

---

(1) O precedente traballo é o esquema d'un manifesto, cheo d'altitude mental e justa concencia qu'o Lousada quixera botar â rúa. Era n-un tempo en que o movemento guleguista semellaba esmorecer, despoixas do pulo inicial de 1916 a 1918, e do fracaso politeco d'iste ano derradeiro. Seguiron anos grises pra Galiza, namentras o mundo fervia na crise da post-guerra, co-a máisima espansión do comunismo, os movementos spartakistas, o sindicalismo na Hespaña: semellaba qu'unha sôma bermella de Apocalipse ameazaba ao mundo, e o Lousada —que por entón deixou Ourense pra irse a Pontevedra— lia a Roberto Hugo Bensou, e co seu sorriso d'humorista san e bon, co seu charuto retorto no bico, anunciaba o advenimento de Felsenbourgh.

No seu desacougo, non paraba de matinar e discurrir meios pra espertar a concencia galega. N-aquiles anos foi cando quixo emprender a conquista de Vigo pra o galeguismo. O Lousada tiña unha grande fé no pôrvir d'aquela cibdade, e inaugurou conosco a pirmeira geira de confrencias galeguistas na Oliva. Pouco despois, principiaba a darlle voltas â ideia do NÓS, que por fin fundouse estando il ja en Pontevedra.

Iste proieuto de manifesto leva o rubro das suas inquedanzas e das suas preocupaciós tristeiras d'aquil tempo, que despois lembraba con saudade nos tempos de ditadura. V. R.

Jóias arcaicas encontradas em Portugal

II

Os mais importantes Arquivos nacionais, onde se encontra estudada e relacionada uma grande parte da ourivesaria portuguesa arcaica, são as Revistas «*Portugália*» e «*O Arqueólogo Português*». Faltava, porém, uma compilação resumida de tais Memórias, esparsas por essas e outras publicações, que facultasse uma vista de conjunto, e, portanto, maior facilidade no estudo comparativo de tão abundante, variado e riquíssimo tesouro arqueológico. Essa falta tentamos suprir hoje.

Muitos dos elementos com que as descobertas arqueológicas auxiliam o estudo da Pre-história só apresentam uma útil contribuição subsidiária depois de cuidadosamente efectuado o seu agrupamento sistemático, de harmonia com suas mútuas conexões, dimanadas dos caracteres tipológicos, cronologia relativa, etc. É, portanto, fundamental, nos traballos de investigação, conseguir abranger, de começo, os problemas gerais, em largos esquemas basilares; as diferenciações e as modalidades, dentro de cada agrupamento, teem o seu logar marcado nos estudos especializados. Porém, sob êste aspecto, Portugal é como que um grande museu desordenado, onde tudo está por arrumar e agrupar. Há, indiscutìvelmente, numerosos e valiosos trabalhos de Arqueologia, mas disseminados, inconseqüentes por vezes, e longe de formarem um corpo solidário de mútuas relações. Basta dizer que ainda não surgiu no país um Manual resumindo as diversas fases e contornos gerais da nossa Arqueologia, semelhante a outros que têm sido publicados em Espanha, e onde se encontrassem concatenadas as caracteristicas locais dos produtos industriais e artísticos desta parte ocidental da Península, nos seus variados períodos, suas ligações, influências ou dependências, sincrónicas das culturas de outras regiões peninsulares e extra-peninsulares; onde estivesse sumàriamente inventariado e descrito o nosso vastíssimo espólio arqueológico, destacando as suas peças fundamentais; onde se mencionasse, finalmente, a distribuição geográfica dos achados e descobertas, salientando assim os diversos núcleos populacionais primitivos e respectivas zonas de cultura, etc. E, todavia, há em Portugal arqueólogos capazes de empreenderem uma obra de conjunto que seja então como que arcaboiço de quaisquer estudos laterais e especializações. O material disperso que já existe daria, de sobra, para levantar êsse belo edifício. Possa o presente estudo, aliás sem pretensões, considerar-se como un auxilio aproveitável no sentido desejado.

Não temos a veleidade de apresentar um inventário completo dos achados da nossa ourivesaria primitiva. Muitos dêsses preciosos achados surgem e desaparecem rápidamente, destruídos pela ignorância e vandalismo dos comerciantes, sem deixarem vestígios da sua passagem. O pouco que ainda existe é sòmente, conforme aponta Reinach aplicando o conceito de um modo geral a todos os países, «uma parcela insignificante do que tem sido desenterrado e destruído durante séculos». Por vezes perdura, felizmente, qualquer desenho ou vaga referência. Mas, a-pesar de tanta depedredação, o espólio nacional vai aumentando, embora muito lentamente; a prova disso é que, em 1915, o nosso primeiro Museu de Antiguidades, o Museu Etnológico «Leite de Vasconcelos», possuia já 145 objectos de ouro e prata, se bem que uma parte dêles não interesse agora à nossa tentativa de inventário, por serem já da época romana e subseqüentes. (1)

Necessário e oportuno se torna dizer que é nosso intento relacionar aqui apenas as jóias pre-romanas confeccionadas em me-

(1) Leite de Vasconcelos, *História do Museu Etnológico Português*. Lisboa-1915-pág. 194.

tais nobres, ouro e prata, pondo de parte outros aderêços e variadíssimas peças de adôrno pessoal, em cobre, bronze e outros materiais, como o âmbar, vidro, marfim, coral, calaíte, etc., que pela sua natureza devem constituir grupos distintos. Tão pouco interessam ao caso presente as peças de baixela, como as de Chão-de-Lamas, Proença-a-Nova, Guiães, etc., que, ao serem estudadas no seu duplo aspecto, industrial e artístico, devem reunir-se também num inventário distinto. Outro elemento que freqüentemente faz parte dos tesouros descobertos é o numerário de ouro, prata e bronze; porém, êsse tem igualmente o seu logar marcado, dentro da Numismática. Por vezes citaremos determinadas peças que, pelo seu tipo ou porque apareceram associadas a moedas romanas da República ou do Império, se vê que atingiram, indiscutìvelmente, o período da romanização da Península, o que todavia, nen sempre significará que sejam simples artigos de importação de fabrico estrangeiro, podendo, pelo contrário, apresentar fortes características da arte indígena, de remota tradição ante-romana, embora denotando já influências estranhas. De resto, a cronologia absoluta da maior parte das manufacturas de joalharia arcaica peninsular é um problema en discussão. Como criteriosamente afirmaram os ilustres Investigadores Sñrs. Florentino Cuevillas e Bouza Brey, o establecer a génese e antecedentes destas jóias constitui, na maioria dos casos, um duro problema de tipologia. (1) Procuraremos, portanto, pisar terreno seguro e mais ou menos desbravado pelos arqueólogos especializados e competentes, deixando a êsses a responsabilidade de certas afirmações mais ou menos categóricas no assunto aqui tratado.

Desde remotas eras foi o ouro explorado e trabalhado na Ibéria, como foi, de um modo geral, a riqueza mineira do solo da Peninsula que a ela atraiu também, desde os mais distantes tempos, as mais variadas gentes. No Noroeste registam-se vestígios de antiga exploração das aluviões auríferas. O ouro *nativo* encontrava-se em muitos rios, como o Douro, o Minho, o Tejo, etcétera. Nas Astúrias, Galiza e Portugal era igualmente abundante o estanho; o cobre, o chumbo argentífero e a prata, metais que, aliás, se encontravam mais ou menos disseminados por toda a Península, acumulavam-se principalmente a sul, na Turdetânia. Na produção aurífera do Ocidente da Europa haveria talvez apenas uma região excedendo a Hispânia—que era a Irlanda.

Não é crível, portanto, dada esta riqueza mineral, que os processos metalúrgicos para o seu aproveitamento fôssem por muito tempo desconhecidos dos povos peninsulares. Os metais inicialmente aproveitados seriam o estanho e o ouro trabalhado por simples martelagem, reduzido a barras, fios ou delgadas láminas, antes mesmo de se recorrer à fundição. (1) Depois viriam, pela ordem da dificuldade de trabalho para a sua exploração e aplicação industrial, o cobre, a prata e, por fim, entre as ligas metálicas, a principal o bronze, a grande descoberta que havia de remodelar por compreto os sistemas do trabalho humano, substituindo lentamente os frágeis instrumentos de pedra e abrindo um novo e largo período na história da Humanidade.

Principalmente depois dos notáveis trabalhos dos Professores Schmidt e Bosch Gimpera é um facto geralmente admitido que, na Hispânia, desde remotíssimos tem-

---

(1) Florentino L. Cuevillas e Fermín Bouza Brey, *Os Oestrimnios, os Saefes e a Ofiolatria en Galiza*. A Cruña-1929 pág. 112.

(1) Nos meios neolíticos aparece o primeiro ouro trabalhado pelo homen, sob a forma de contas de colar e lamelas (Cf. Déchelette, *Manuel*. I-p. 407, 409 e 623). Era o ouro *nativo*, colhido em pepitas desagregadas dos afloramentos, o *electrum* de que nos fala Plínio, contendo a quinta parte de prata (*Nat. Hist.* XXXIII 23); se a percentagem dêste segundo melal era excedida, o ouro não resistia ao trabalho sobre a bigorna («Incudibus non resistit». Plínio. *Ibidem*). Diz-nos ainda êste A. que o Tejo era notável pelas suas areias auríferas («Tagus auriferis arenis celebratur»—*Ibidem*. IV, 35), e, referindo-se a uma das formas da colheita do ouro proveniente das províncias de Roma, esclarece: «...fluminum ramentis ut in Tago Hispaniae» (*Ibidem* XXXIII, 21). Sôbre o ferramental empregado pelos primeiros artífices dos metais, veja-se Mortillet, *Musée préhistorique*, Pl. XCII (martelos de pedra e brunidores), e, em J. Evans, a descrição sumária dos processos muito primitivos de trabalho, ainda empregados na Idade do Bronze *L'Age du Bronze* - 1882 - pág. 493).

pos, não só eram conhecidos os processos técnicos do trabalho dos primeiros metais, sua fundição e ligas, mas que a Península constituíu um dos mais importantes centros de cultura do Ocidente europeu, no final do Neolítico e períodos subseqüentes—Eneolítico e início do Bronze, espalhando em várias direcções os produtos típicos da sua indústria, que chegaram a atingir as distantes regiões do Danúbio médio.

O aparecimento de bolos de fundição metálica com incisões e cortes praticados a cinzel, nos Castros nortenhos portugueses de Laundos e Terroso, e em Estéla (Póvoa de Varzim), (1) uns constituídos por liga de prata e cobre, outros de prata e ouro, juntamente com escórias várias e fragmentos de cadinhos de fundidor, são a prova irrefutável do trabalho metalúrgico *local*, muito embora tais vestígios, pelas circunstâncias em que apareceram, conjuntamente com determinadas jóias a que nos referiremos, não devam talvez remontar a uma época anterior ao último período da 2.ª Idade do Ferro. Mas, nesta época, a industria ouriveseira hispânica tinha já, sem dúvida alguma, tradições muito remotas.

Duas características notáveis apresenta, de um modo geral, a joalharia arcaica peninsular: tipos originais e próprios que a diferenciam, ao primeiro relance, de idênticas obras do mesmo período cultural originarias de outras regiões, extra-peninsulares, e a sua notável perfeição e delicadeza a contrastar com a grosseria bárbara da estatuária ibérica, em pedra ou bronze, e rudeza singular de muitas outras manifestações artísticas.

É tradicional na Península Ibérica o gôsto pelas jóias. (2) Ainda hoje perdura em muitas regiões. As camponesas abastadas do Entre-Douro-e-Minho usam grossas e pesadas arrecadas nas orelhas, grandes cordões e gargantilhas de contas de ouro ao pescoço, donde pendem emblemáticos adôrnos de natureza religiosa e sentimental, cruzes, relicários, corações, ecétera, cobrindo todo o peito. (1)

A prática do adôrno é uma tendência ancestral. As primeiras manifestações artísticas foram naturalmente executadas pelo homem na intenção de embelezar os instrumentos e objectos de sua maior estima —as jóias e as armas. Muitas produções da arte primitiva, como esculturas en madeira e outros materiais que o tempo, mais ou menos fàcilmente, destruíu, desapareceram por completo. Ficaram apenas os artefactos metálicos, e alguns outros de mais lenta corrução, a atestarem as primeiras revelações artísticas. As obras de arte não aplicadas a objectos de emprêgo essencialmente utilitário e pessoal, i, é — realizadas fora do ámbito puramente ornamental, como são, por ex., as figurações simbólicas e de natureza religiosa, já exigiam um estado mais avançado da mentalidade humana, uma faculdade creadora e de abstracção mais perfeita. O estudo da ornamentação especialmente praticada nas peças de joalharia arcaica, desde os mais vetustos modelos, parece-nos, portanto, um poderoso elemento para o conhecimento da evolução cultural dos nossos antepassados pre e proto-históricos. A técnica primitivamente usada na ornamentação dêsses artefactos metálicos era a gravura a buril, ou a percussão a cinzel, ou, ainda, o processo do *levantado (repoussé)*. Os trabalhos de granulado, filigrana, e o emprêgo correspondente das soldas são conhecimentos e aperfeiçoamentos adquiridos sucessivamente.

Portugal está longe de igualar a Espanha na riqueza arqueológica da sua joalharia inicial, quer pela quantidade, quer pela qualidade das peças. Não possuímos especímenes tão remotos como o diadema da Cueva de los Murciélagos, atribuido ao Neolítico final, nem de uma estilização tão sumptuosa como o de Ribadeo, o célebre diadema das figuras de guerreiros, pertencente à cultura céltica peninsular. Em terra portuguesa as

---

(1) Cf. *Portugália*. II (1905-8), 405 e 611-12.
2) P. Paris, *Essai* II, 242.

(1) Vid. *Portugália*. II (1905-8), 567 - figs. 46 a 50 (Mulheres do Porto e Viana do Castelo, no art. «*Filigranas*», de Rocha Peixoto).

óias consideradas mais antigas remontam ao Eneolítico final, ao início e períodos subseqüentes do Bronze e 1.ª Idade do Ferro. Mas a grande maioria das nossas jóias preromanas pertencem já, sem dúvida, à cultura céltica, post-hallstattiana, do centro e norte da Península, ou à chamada cultura ibérica, do sul.

Conforme é hoje aceite por muitos prehistoriadores e etnólogos, os Celtas teriam efectuado uma primeira incursão na parte nordeste da Península, ainda em plena fase de Hallstatt; e, pelo séc. VI, quando esta fase declinava já, para dar logar ao começo da expansão da cultura de La Tène, aquelas tribus, eminentemente guerreiras, irromperiam de novo, agora pelas passagens ocidentais dos Pireneus, atingiam os vales superiores do Ebro e do Douro, espraiando-se, como onda bárbara, pelo norte, centro e ocidente da Ibéria, onde se fixaram definitivamente. Portadores da civilização de Hallstatt, imobilizaram nessa fase as populações subjugadas, emquanto além Pireneus se expandia a cultura típica de La Tène, e emquanto na zona sul e mediterrânea da Península, os povos onde não havia chegado o domínio celta progrediam e evolucionavam dentro das suas próprias esferas culturais. Mas nem a cultura céltica post-hallstattiana escapou à influência das características culturais dêsses povos subjugados, embora rudes e atrasados, nem a cultura ibérica do sul se desenvolveu independentemente das Civilizações do Mediterrâneo oriental, com as quais contactava por via do comércio marítimo. Por volta do séc. III parece que o poderio celta na Península começou enfraquecendo, iniciando-se a penetração, para norte e ocidente, da cultura ibérica do sul.

Em concordância com êstes movimentos migratórios e interpenetrações culturais, o tipo das nossas jóias arcaicas evolucionou paralelamente, como é natural, conservando sempre, todavia, êsse caracter de singular independência e originalidade, que distingue imediatamente os produtos artísticos peninsulares dos produtos idênticos de outras regiões estranhas, onde se desenvolveu igualmente a cultura céltica, ou onde chegaram as influências das grandes Civilizações mediterrâneas. A *facies* característica, o fenómeno da persistência étnica dos primitivos povoadores da Ibéria reflecte-se assim, harmònicamente, nos produtos da sua indústria, na continuïdade dos seus aspectos tradicionais. E, sendo as jóias, pela sua forma e decoração, pelo seu «caracter e qualidade», na expressão sintética de Reinach, (1) um dos índices mais seguros pelos quais se pode avaliar, de certo modo, o grau de cultura do povo que as arquitectou e usou, podemos afirmar que a Península Ibérica atingiu, nêste campo, uma posição do mais invulgar destaque.

Para não tornar excessivamente longo e fastidioso êste nosso elementar estudo, não iremos descrever minuciosamente, uma a uma, as jóias arcaicas aparecidas em Portugal. Limitamo-nos a dar a indicação da sua distribuïção geográfica, lugares onde se encontram hoje arrecadadas, seu agrupamento por espécies e tipos, algumas considerações sobre a sua cronologia provável, e, finalmente, em nota adicional, as fontes bibliográficas existentes que dizem respeito a cada uma.

Para a indicação das jóias aparecidas em território português, consideraremos o país dividido em três zonas: a primeira a N. do Douro, constituída pela região do Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes; a segunda pelo Entre-Douro-e-Tejo; e a terceira pela região a sul do Tejo.

Como as jóias mais vulgares são os colares e os braceletes, começaremos por estas. Apresentam os colares modêlos variadíssimos, sejam êles do tipo rígido ou formados de peças articuladas; sejam do tipo com propriedade chamado *torques* (do lat. *torques* ou *torquis*, de *torquere*) (2), do tipo

---

(1) *The Antiquaries Journal*. V (1925), 126.

(2) Se bem que, no decurso do tempo, a designação de *torques* se generalizasse às outras formas de colares rígidos, mesmo não *torcidos*, o certo é que vários AA. persistem em dar apenas aquela designação aos colares constantes de um fio torcido, ou de mais que um, formando corda (tipo *funicular*). Cf. J. Villaamil y Castro, *Bol. de la Com. de Mon. de Orense*, III (1907), 97; Mélida, *Arqueología Española* (1929), 233; Déchelette, *Manuel*. IV (1914), 1208; etc.

Porém os adôrnos do pescoço que, a nosso ver, nunca devem designar-se por *torques*, são as *lunulae* ou crescentes,

Mirão
Baião
Balugães
Vila do Conde
Lamêgo
Arcozelo
Moreira
Vimieiro
Ervidel
Beja
Alcalar
Reguengos
Évora
Portel
Serpa
Moura
Mogadouro
Faro
Tavira
Vidigueira
Cuba
Alvito
Almodôvar
Castro Verde
Cacela
Loures
Odemira
Sines
Aljezur
Lagos
Silves
Albufeira
Alcácer do Sal
Setúbal
Almada
Cascais
Sintra
Torres Vedras
Caldas da Rainha
Alcobaça
Leiria
Pombal
Figueira da Foz
Coimbra
Aveiro
Vouga
Viseu
Lamego
Vila Real
Chaves
Bragança
Miranda do Douro
Vinhais
Barcelos
Ponte de Lima
Viana do Castelo
Braga
Guimarães
Penafiel
Paredes
Vila Nova de Gaia
Gondomar
Matosinhos
Vila do Conde
Póvoa de Varzim
Barcelos
Esposende
Caminha
Melgaço
Monção
Valença
Vila Nova de Cerveira
Paredes de Coura
Arcos de Valdevez
Ponte da Barca
Terras Vedras
Cadaval
Alenquer
Arruda dos Vinhos
Vila Franca de Xira
Azambuja
Benavente
Montijo
Alcochete
Barreiro
Moita
Seixal
Almada
Sesimbra
Setúbal
Palmela
Grândola
Santiago do Cacém
Sines
Odemira
Aljezur
Vila do Bispo
Lagos
Portimão
Silves
Albufeira
Loulé
Faro
Olhão
Tavira
Vila Real de Santo António
Castro Marim
Alcoutim
Mértola
Almodôvar
Ourique
Aljustrel
Castro Verde
Beja
Serpa
Moura
Barrancos
Alandroal
Redondo
Reguengos de Monsaraz
Portel
Vidigueira
Cuba
Alvito
Viana do Alentejo
Évora
Montemor-o-Novo
Arraiolos
Vendas Novas
Alcácer do Sal

funicular, ou simples aros de secção circular, elíptica ou poligonal; sejam completamente fechados por meio de um fecho independente, ou por meio de ganchos de prisão directa, ou ainda penanulares, apresentando uma abertura entre as suas extremidades, e, nêste último caso, possuindo ou não cabeças ou botões terminais. As variedades são muitas, como se vê.

Da totalidade das jóias a seguir mencionadas, damos indicação especial das de prata, que são em menor número, por meio de um asterisco. As restantes são tôdas de ouro. Abstêmo-nos de entrar em detalhes àcêrca do pêso de cada uma delas, número de quilates, etc., poisessas particularidades podem ser procuradas com o auxílio da Bibliografia, apresentada no final dêste inventário.

Apareceram nas seguintes localidades (Vid. mapa respectivo, fig. 3).

I—COLARES

A N. do Douro.

Estela (Póvoa de Varzim)—1 e parte de outro; Vila do Conde—1; Lebução (Valpaços—Vila Real)—1 e partes de mais dois; * Cortinhas (S. Mamede de Riba-Tua)—1.

Total—4 e 3 fragmentos.

Entre o Douro e o Tejo.

Serrazes (S. Pedro do Sul)—1; Vale da Malhada (Rocas—Sever do Vouga)—1; Viseu—2; Mangualde—2; * Chão de Lamas (Miranda do Corvo—Coimbra)—1 e parte de outro; Penela (Condeixa-a-Velha)—1; * Monsanto (Idanha-a-Beira Baixa)—9, sendo 1 de ouro; * Monforte (Castelo Branco)—5, sendo 1 de ouro; * Vila Velha de Ródão—1 e parte de outro; Almoster (Santarém)—1 e parte de outro; Tôrres Vedras—2; Penha Verde (Sintra)—1.

Total—27 e 3 fragmentos.

A S. do Tejo.

Portel (dito de Évora)—1; Reguengos—1.

Total—2.

É-nos desconhecida a procedência de um torques de prata e fragmento de outro, citados pelo Sr. L. de Vasconcelos *(O Arq. Port.* I-1895-,222).

Relativamente a braceletes (do lat. *brachium)*, ou manilhas (do lat. *manus*, por intermédio do espanhol *manilla*, de *mano)*, armilas (do lat. *armilla*, de *armus)* ou pulseiras (do lat. *pulsus)*, designações que hoje se confunden mais ou menos (1), indicando, de un modo geral, a jóia em forma de aro que abrange qualquer ponto do braço ou antebraço, também a variedade dos tipos representados no nosso país é grande. Os braceletes, ou são completamente fechados, em argola, ou abertos, já do modêlo penanular, já do helicoidal, com as extremidades sobrepostas. A sua secção apresenta os mais diversos aspectos, pois são constituídos umas vezes por folha metálica, larga e pouco espessa, canelada ou não, outras vezes por um aro de perfil rectangular, circular, elíptico, etc. Do mesmo modo que os colares, apresentam ou não botões ou remates terminais.

Apareceram exemplares de

II—BRACELETES

A N. do Douro.

Bairro (S. Pedro—Vila Nova de Famalicão)—1; Arnozela (Fafe)—20; Pôrto—1;

como todavia o teem feito alguns. Tão pouco qualquer colar rigido, só porque diminui de espessura do meio para os extremos pode chamar-se *lúnula*, ou sequer aproximar-se de tal género inconfundivel de jóias, como parece querer fazêl-o J. Loth, quando classifica o colar de Évora de «*hausse-col*», designação francesa geralmente conferida às lúnulas (Cf. Art. «Relations directes entre l'Irlande et la Péninsule Ibérique à l'époque énéolithique», in *Mémoires de la Soc. d'Hist. et d'Arch. de Bretagne*. VI - 1925 - pág. 140.

(1) Pelo que diz respeito ao emprêgo da palavra *viria*, apresenta Freund *(Grand Dict. de la Langue Latine*. Paris, 1862) a significação de bracelete (de homem). Leite de Vasconcelos toma-a como sinónimo de armila. Plínio (XXXIII, 12, 3) diz que os homens usavam «*in lacertis*» anéis de ouro que, na Celtibéria, se chamavam *viriae*. Parece, portanto, que o termo *viria* não deverá ser interpretado no sentido de *colar*, como deseja o Sr. R. Mélida (Cf. *Arqueologia Española*-Barcelona-1929-pág. 234).

Vila Verde (Felgueiras)—?; Telões (Vila Pouca de Aguiar)—1; Moçães (Torgueda—Vila Real)—1; Vinhós (Sedielos—Pêso da Régua)—4; Gondeiro (Salvador—Amarante)—2; Lebução (Valpaços—Vila Real)—1; Aliió—1; * Guïães (Vila Real)—1.

Total conhecido—33.

A S. do Teio.

Évora—2; Castelejos (Stª Suzana—Alcácer do Sal)—1; Beja—1 e ?; Serra da Conceição (Tavira)—1.

Total conhecido—5.

A totalidade dos braceletes acima indicados não pode precisar-se por completo, por

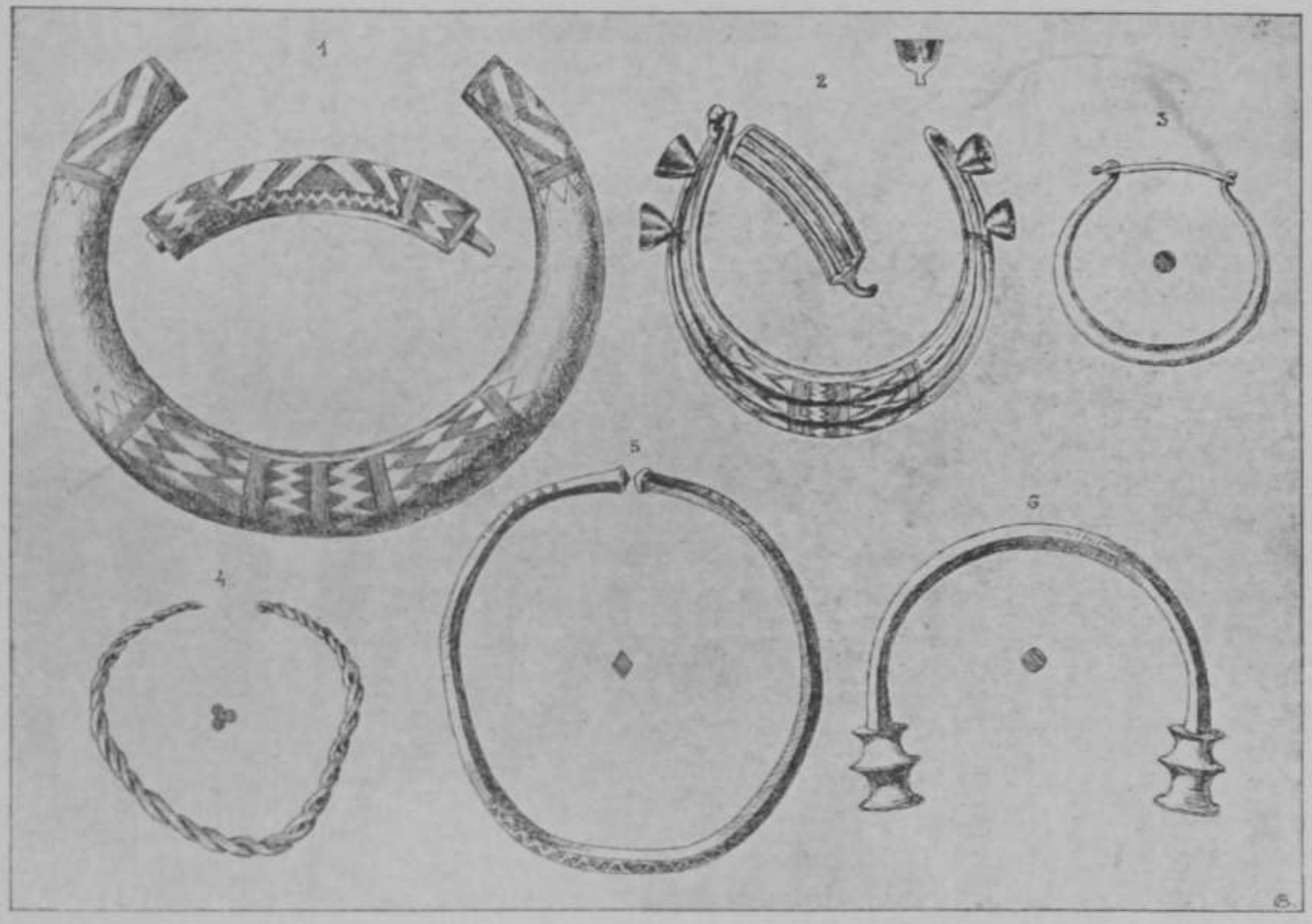

Fig. 4.—Alguns tipos de colares rígidos achados em Portugal

1, Portel-Évora—2, Sintra—3, Almoster—4, Cortinhas-Riba Tua—5, Vale da Malhada—6, Lebução.

Entre o Douro e o Tejo.

Baralhas (Castelões—Macieira de Cambra)—16; Viseu—1 e ?; Folgosinho (Beira Baixa)—5: Pêna Lobo (Beira Baixa)—2; Pêna (Portunhos—Cantanhede)—1 e parte de outro; Outeiro da Assenta (S. Pedro d'Óbidos)—2.

Total conhecido—27 e 1 fragmento.

nos ser desconhecido o número dos que apareceram em Vila Verde, Viseu e Beja. Igualmente não possuímos elementos para indicar o local do aparecimento de dois outros que pertenciam à colecção do Rei D. Fernando II (citados n.*O Arq. Port.* II, 21 e no periódico *O Manoelinho d'Evora,* n.º 287 de 20-7-1886), dos quais desconhecemos, até, o actual paradeiro, bem como de uma armila de prata existente no Museu

Etnológico e citada pelo Sr. L. de Vasconcelos *(O Arq. Port.* I—1895—pág. 222.

Além das jóias constitutivas dos dois grupos mencionados—colares e braceletes—, teem aparecido em Portugal outras variedades, tais como: diademas, anéis simples ou espiralados, lúnulas, arrecadas, fíbulas e, finalmente, algumas peças de aplicação mais ou menos incerta e duvidosa, como os aros de Bougado, discos de Condeixa e Bensafrim, etc.

Relacionando:

III—DIADEMAS

Brêa (Lobelhe—Vila Nova de Cerveira) —1; Balugães (Barcelos) — 1; Alcalar (Portimão-Algarve)—1; de proveniência desconhecida—1.

Total—4.

IV—LÚNULAS

Cabeceiras de Basto—1; Viseu—1; * Chão de Lamas (Miranda do Corvo—Coimbra)—2.

Total—4.

V—ARRECADAS

Afife (Viana do Castelo)—1; Estela (Póvoa de Varzim)—2; Laundos (Póvoa de Varzim)—2; Pôrto—1; S. Martinho d'Anta (Sabrosa—Vila Real)—1.

Total—7.

VI—ANÉIS

Brêa (Lobelhe—Vila Nova de Cerveira) —4; Gondeiro (Salvador—Amarante)—1; Cesareda (Reguengo Grande—Lourinhã) 1 fragmento; Avis—3; Casal do Pardo (Quinta do Anjo, na estrada Palmela-Azeitão)—1; Serpa—?

Total conhecido—9 e 1 fragmento.

VII—FÍBULAS

* Mogadouro (Bragança(—1); * Fiães da Feira (Aveiro)—1; * Monsanto (Idanha —Beira Baixa)—4; de proveniência desconhecida—1.

Total—7.

VIII—PEÇAS DE APLICAÇÃO INCERTA

a)—*Aros:* de Bougado (St° Tirso)—2.
b)—*Discos:* de Cabeceiras de Basto—2; de Condeixa-a-Velha *(Conimbriga)* —1; de Bensafrim (Fonte Velha—Algarve)—1.
c)—*Pequenos tubos e placa rectangular,* em fôlha de ouro: Casal do Pardo (Quinta do Anjo, na estrada Palmela-Azeitão)—5.
d)—*Lamelas* de ouro: Arredores de Beja—2.
e)—*Pequena palma* de ouro (coroa funerária?): Beja—1.

Total—14 peças.

Eleva-se, pois, a cerca de 150 o número das peças de joalharia arcaica, em ouro e prata, registradas em Portugal, representando porém, certamente, uma parte mínima da totalidade das peças que teem aparecido e cuja existência não chegou a registar-se bibliogràficamente. Muitas das peças aqui mencionadas encontram-se hoje perdidas para sempre, infelizmente: umas roubadas, outras porque os seus ignorantes possuïdores as venderam para fundir. Outras, ainda, teem ido parar a Museus e colecções extrangeiras, devido à falta de dotações e subsídios do Estado aos Museus nacionais. Só uma parte diminuta das peças aparecidas teem, de facto, dado entrada nos Museus portugueses, especialmente no Museu Etnológico, devido, quasi sòmente, aos esforços incansaveis e persistentes de homes da têmpera do Prof. Sr. Leite de Vasconcelos.

As peças que actualmente existem em Portugal depositadas em museus encontram-se no Museu Etnológico (Lisboa), Municipal do Porto, Castelo Branco, da Socie-

dade Martins Sarmento (Guimarães), de Alcácer do Sal e no Municipal «Azuaga» (Vila Nova de Gaia). Os museus estrangeiros que possuem exemplares de proveniência portuguesa são o Arqueológico Nacional de Madrid, o de St. Germain-en-Laye e o Britânico. Muitas peças se encontram também na mão de coleccionadores particulares, que as sabem estimar, como os Srs. Serafim de

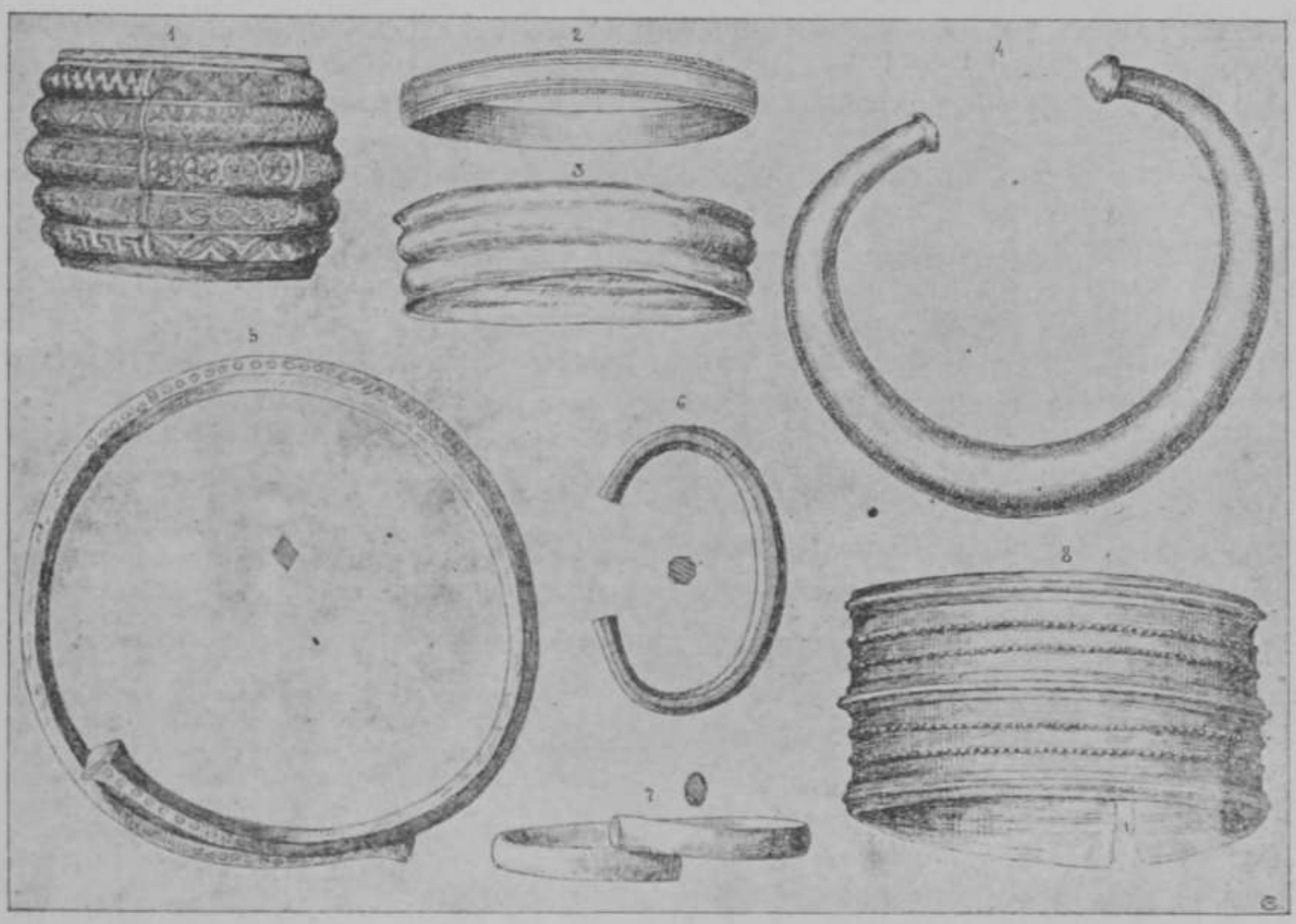

Fig. 5. Alguns tipos de braceletes achados em Portugal

1, Lebução—2, Arnozela—3, Arnozela—4, Folgosinho—5, Gondeiro—6, Telões—7, Bairro—8, Evora.

Sousa Neves (de Viana), José Maximiano Correia de Barros (Sabrosa), R. Pe. José Brenha (Póvoa de Varzim), Tenente-Coronel Marques da Costa (Setubal), etc.

Da distribuïção geográfica mencionada conclui-se, de um modo geral, o seguinte (Vid. Fig. 3):

As jóias acumulam-se, principalmente, na região a N. do Douro. É natural que assim suceda porquanto parece poder afirmar-se que, desde os remotos tempos da Idade do Bronze, foi essa uma das regiões do país onde as populações se agruparam de preferência. Era aí uma das mais importantes zonas metalíferas, pois o principal filão do estanho, no NO. da Península, corre precisamente numa diagonal, desde a costa da Galiza, nas proximidades de Pontevedra, atravessa a região de Orense, internando-se, nas vizinhanças de Verin, em Portugal, e seguindo pol-a província de Trás-os-Montes até à região circundante de Zamora. Assim, dada a importância industrial, e por certo agrícola também, desta zona norte do Douro, aí se concentraram e prosperaram as populações primitivas. Ainda hoje o Minho é também, demogràficamente, uma das mais densas províncias de Portúgal.

Porém, dentro desta acentuada acumulação de peças de joalharia no Norte do país, um facto curioso se apresenta: é que, emquanto o número de localidades onde aparecem colares é escasso, aquele onde aparecem braceletes é abundante; e no Entre-Douro-e-Tejo dá-se o caso inverso. Não ousamos emitir a opinião de que êste facto corresponda a um maior uso e predilecção por determinadas espécies de jóias em cada região, e não seja antes devido ao simples acaso das descobertas fortuitas. A sul do Tejo os achados têm sido em menor quantidade.

De entre os restantes grupos de jóias, o aparecimento de certo tipo de arrecadas parece caracterizar também a região a N. do Douro, pois, de sete que constituem a totalidade, cinco foram encontradas na faixa litoral do Entre-Douro-e-Minho (Afife, Estela, Laundos), uma outra, de proveniência incerta, foi vendida no Porto, e a última achada mais para o interior (S. Martinho d'Anta). As lúnulas registam-se também do meio do país para norte (Chão de Lamas, Viseu, Cabeceiras de Basto), o que está de harmonia com as primitivas relações, especialmente do NO peninsular, com a Irlanda, território de origem desta espécie particular de jóias. As fíbulas de prata aparecem igualmente a norte (Monsanto, Fiães, Mogadouro).

Finalmente, certas jóias típicas dos começos do Bronze, ou ainda do Eneolítico, como diademas funerários, alguns aneis em espiral, etc., aparecem nas regiões extremas do país, a N. e a S., o que, coincidindo ali com o aparecimento de outras espécies de artefactos da Idade do Bronze, parece querer comprovar também que as populações dessa época se distribuíram particularmente nessas zonas, as mais ricas nos dois elementos componentes do bronze—estanho no norte, cobre no sul. (1)

Pelo que diz respeito à ornamentação e outras caracteristicas das jóias aparecidas em Portugal, de que possam tirar-se deduções, mais ou menos seguras, para a cronologia dêstes achados, começaremos por dizer que as jóias cuia técnica e decoração é a mais simples nem sempre são as mais fàcilmente datáveis. Ao Eneolítico final pertencem o diadema de Alcalar, os pequenos tubos ou canutilhos em folha de ouro, placa rectangular e anel serpentiforme das Grutas sepulcrais, artificiais, do Casal do Pardo, e, tal vez, o diadema de Balugães (1); ao início do Bronze, as jóias aparecidas no espólio funerário da sepultura da Quinta da Agua Branca (Brêa), a lúnula (2) e os dois discos de Cabeceiras de Basto, e, provàvelmente, os aros de Bougado. Certamente ao Bronze também, embora de períodos subseqüentes, as xorcas de Sintra (3), Penela e Évora (4), com sua ornamentação geométrica rectilínea. Pelo estilo característico que estas jóias apresentam e grande pêso de metal, respectivamente 1.262, 1.950 e 2.140 gramas (5), o

(1) Vid. Mendes Corrêa, *A Geografia da Prehistória*-Porto-1929-págs. 29 e 31.

(1) Os Snrs. Cuevillas-Brey (*Ob. cit.*-pág. 37 e 40) aproximam esta jóia de outras (diademas?), de origem galega (Monte dos Mouros e Val de Deza), já tambem reproduzidas por Villaamil y Castro (*Ob. cit.*-pág. 100), mostrando tôdas elas gran de semelhança com um tipo particular de colar bretão (de Morbihan), do inicio do Bronze, dado por Déchelette (*Manuel d'Arch.* II-ed. 1924-p. 357).

(2) Sendo esta, que nós saibamos, a primeira e a única *lunula* da Idade do Bronze, até hoje aparecida na Peninsula Hispânica, tipològicamente bem diferenciada, como se mostrou na primeira parte dêste estudo, das lúnulas da Irlanda, região onde elas são numerosas, não se comprende em que facto concreto se baseou J. Loth, quando admitiu a possibilidade de ser a Ibéria que tivesse fornecido àquele país os seus modêlos de *lunulae* (Cf. J. Loth. *Ob. cit.*-p. 141).

(3) Vid. Fig. 4-n.º 2. Charles Read atribui esta jóia ao séc. VIII a. C. (*British Museum, A Guide to the Antiquities of the Bronze Age*, 1904-pág. 148). Pierre Paris coloca-a também no periodo hallstattiano. Porém, Reginald Smith e Reinach entendem que ela pertence à Idade do Bronze, mas, en todo o caso, mais moderna que os colares de Penela e Evora.

(4) Vid. Fig. 4-n.º 1. Este colar, estudado por Salomon Reinach, antes deveria designar-se proveniente de Portel, pois apareceu nêste concelho do distrito de Évora, na herdade chamada da Lentisca, do proprietário, já falecido, Tiago Eleutério de Soure. Por morte dêste pertenceu o colar a uma filha, que casou com o brazileiro Joaquim Arantes Ferreira da Silva o qual, por sua vez, o vendeu para o Museu de St. Germain. O Sr. Reinach, no referido estudo, pressupõe existir um estreito parentesco entre êste individuo e o arqueólogo Possidónio da Silva, que descreveu o colar de Penela, só porque possuiam ambos o mesmo apelido *Silva*. Pensa também o critico francês que Penela e Évora são localidades vizinhas! (Cf. *The Ant. Journal*-V (1925 . 124.

(5) Tanto P. Paris como Reinach marcam para o colar de Penela 1800 gr., o Sr. Joaquim de Vasconcelos da-lhe 1900 gr. Temos, porém, como mais provável que o seu pêso exacto era de 1950 gr., conforme a referência de Delfim de Oliveira, na

que denota pertencerem a uma época em que o ouro era abundante, assinala Reinach a tais exemplares a Idade do Bronze. O indículo do pêso não é, porém, decisivo, pois se as jóias de ouro, no período de Hallstatt (como o acentuaram Costa de Beauregard, Déchelette e, por último, Reinach), se tornam mais raras e são quási sempre ôcas, de forma a apresentarem uma maior economia do metal (1), que, desde os meados da Idade anterior, começava a escassear, é também um facto que as lúnulas, dos primeiros tempos da metalurgia, em que o ouro não necessitaba ser economizado, porque se recolhia fácil e abundantemente, eram peças bem leves e confeccionadas em delgadas láminas.

Não deixaremos de acentuar aqui a flagrantíssima semelhança entre os referidos colares de Penela e Évora. Parecem saídos da mesma mão; distingue-os apenas a diferença de pêso (190 gr.) e ligeiros detalhes ornamentais no toro que serve de fecho. Em tudo o mais são inteiramente gémeos, no processo de fechar, etc O de Penela foi achado em 1883; o de Évora em 1909. Mas, emquanto o primeiro causava um grande sucesso no meio arqueológico e dava entrada na colecção particular do Rei D. Fernando II, até ser roubado do Palácio das Necessidades, em 1910, (2) o segundo parece ter-se conservado mais ou menos ignorado e oculto até 1920, data em que pelo seu propietário foi vendido para o Museu de St. Germain-en-Laye, onde ainda se conservou inédito até 1924, sendo por fim, nesse ano, revelado pelo ilustre Conservador dos Museus nacionais franceses à Sociedade dos Antiquários de Londres.

Pretende Reinach que o colar de Évora não tivesse sido usado por uma pessoa, atendendo ao seu demasiado pêso, apoiando assim a opinião já emitida pelo nosso Joaquim Possidónio e pelo arqueólogo francês De Cougny, a propósito do colar de Penela (1); segundo o parecer de tais arqueólogos, estas jóias seriam destinadas a qualquer divindade, antropomorfa ou não, mesmo uma árvore sagrada, na opinião de Reinach. «*Gold adorned gods before adorning kings*». É possível que assim fôsse; porém, nem o pêso era tamanho que qualquer indivíduo não pudesse suportar o colar, pelo menos em determinados actos solenes, nem a abertura relativamente pequena, no sítio onde se adaptava o fecho, é razão bastante para supormos que ele não poderia entrar num pescoço humano, pois, como aliás observou J. Possidónio, o colar de Penela, apesar de grosso e forte, possuia uma notável elasticidade. Não será descabido recordar também aqui que duas das estátuas *calaicas* aparecidas em Montalegre (hoje no Museu Etnológico) apresentam, cada uma, no pescoço, uma volumosa xorca, no sentido das de Penela e Évora, porém aberta e com a abertura colocada para a frente, na disposição de um jugo.

Talvez ainda da Idade do Bronze seriam os braceletes lisos, do tipo de Folgosinho (Fig. 5-n.º 4) e Tavira, bem como os colares de Serrazes e Almoster (Fig. 4-n.º 3). com um sistema de fecho parecido ao da xorca de Sintra. O colar de Reguengos, hoje desaparecido sem dele ter ficado, que nós saibamos, qualquer desenho, seria igualmente dêsse período; pela descrição que dele nos resta parece tratar-se de um colar de secção quadrada, de faces não ornamentadas, adelgaçando do meio para os extremos e fechando por meio de gan-

---

sua monografia *Notícias de Penela* (1886), p. 192. Também ao colar de Évora atribui Reinach o pêsso de 2300 gr., e, segundo informações que colhemos em Évora, pesava 2140 gramas.

---

(1) Déchelette, *Manuel*. III (ed. 1927), 355; Reinach, *The Ant. Journal*-V-(1925), 125.

(2) No dizer do Sr. Joaquim de Vasconcelos (Cf. Rev. «*Arte*»-8.º ano-1912-p. 51), o colar foi roubado «com singular arte, sem que dos ladrões ficasse o menor vestígio». Da mesma sala e na mesma ocasião foi subtraído um cofre de ouro com esmaltes, de procedência inglesa, um formoso punhal, falsamente atribuído a Benvenuto Cellini. e várias outras peças de valor. Informa o Sr. Cabré Aguiló que o colar de Penela está num museu estrangeiro (Cf. *Actas y Mem. de la Soc. Esp. de A., E. y P.*-VI-1927-p. 263), o que, a não ser lapso dêste A., merecia o trabalho de uma averiguação relativa às circunstâncias em que a jóia roubadr foi ter a êsse museu. O seu desaparecimento do país pode dizer-se constituiu uma perda nacional.

---

(1) Cf. Reinach, *The Ant. Journal*, V (1925), 131; J. Possidónio, *Bol. da Real Ass. dos Archit. Civis e Archeol. Port.*-IV, 63; G. d. Cougny, *Ibidem*, 71.

chos de prisço directa, à semelhança dos torques irlandeses da Idade do Bronze. Possìvelmente à mesma epoca pertenceriam também os braceletes do Bairro, Telões (Fig. 5-n^{os}. 6 e 7), Baralhas e tipos congéneres.

No período de Hallstatt parece filiarem-se dois braceletes de Évora (Fig. 5-n.º 8), hoie desaparecidos, mas dos quais nos restou uma gravura, no *Boletim* da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1). São muito semelhantes a dois outros braceletes aparecidos na Butte des Mousselots (Côte-d'Or), figurados em Déchelette. (2)

Á cultura céltiga post-hallstattiana pertencerá, porventura, a maior parte das restantes jóias de ouro portuguesas, como o colar do Vale da Malhada (Fig. 4-n.º 5), as peças de Gondeiro (Fig. 5-n.º 5), recentemente aparecidas, etc. Convém notar que são muito flagrantes as analogias entre a ornamentação das nossas jóias post-hallstattianas e a da olaria castreja de fabrico indígena: círculos concêntricos, triângulos com linhas paralelas no interior ou pequenos pontos em relêvo, linhas de SS, semicírculos concêntricos, etc. Do colar da Malhada diz José Fortes que, pelo facto de apresentar bem nítida e recortada a ornamentação, revela o emprêgo de punções metálicos de rija têmpera, que só poderiam ser de ferro, afirmativa esta que, já anteriormente, Ricardo Severo tinha posto, relativamente à técnica da armila de Lebução (Fig. 5-n.º 1), e que, posteriormente, foi seguida pelo Sr. José de Pinho, referindo-se aos braceletes de Gondeiro, semelhantes ao colar da Malhada; e, por isso, tais peças de joalharia deveriam ser incluídas num período bastante adeantado da 2.ª Idade do Ferro. Parece-nos prudente, todavia, não exagerar a importância desta observacao, porquanto nem nos últimos períodos da Idade do Bronze era ainda desconhecido o uso de certos instrumentos de ferro, nem tão pouco estavam postos de parte os punções de bronze, como se constata nos achados de Larnaud (Jura). (1) A técnica da ornamentação nas peças metálicas da Idade do Bronze, nomeadamente braceletes, colares, facas, etc., é ainda um tema de controvérsia, pois se alguns arqueólogos, como Gross, são de opinião, com o testemunho da prova experimental, que êsses desenhos eram obtidos pela fundição do metal em moldes onde se repetian os motivos ornamentais, outros arqueólogos, como Tichler, também escudado na repetição experimental, afirmam que os desenhos podiam igualmente ter sido lavrados pela técnica da estampagem e percusão, com o auxílio de cinzéis e matrizes de bronze. Na verdade, pelo menos nas peças manufacturadas por martelagem, o processo da ornamentação não poderia ser outro senão o do emprêgo de punções, fossem de bronze ou de ferro, ou de buris de aço e de sílex. (2)

Entre as peças de ourivesaria portuguesa arcaica que denotam pertencer a um período mais recente, talvez imediatamente anterior ou coetáneo dos comêços da romanização, destacam-se as arrecadas de Afife, Laundos e Estela, todas do mesmo tipo. É certo que, por um particular detalhe estrutural, qual seja o de apresentarem apendículos caliciformes semelhantes aos que se vêem na xorca de Sintra, do período do Bronze (ou de Hallstatt, segundo alguns), e numa outra arrecada, incontestàvelmente hallstattiana, da já citada Butte des Mousselots (3), poderiamos ser induzidos a envelhecer a data destas cinco arrecadas portuguesas. Outro indício de antiguidade seria o sistema de suspensão que elas apresentam, isto é—uma cadeia ou trancelim para circundar a parte superior da orelha, que é o mesmo processo das arreca-

(1) Tômo VII-1884-pág. 6.

(2) Déchelette, *Manuel d'Arch.* III (ed. 1927), p. 356-fig. 362.

(1) Vid. Mortillet, *Musée préhistorique*. Pl. LXXVII, n.º 831 e 832 (punções-matrizes de bronze, provenientes de Larnaud—Jura, depositados no Museu de St. Germain).

(2) Victor Gross, *Les Protohelvètes*—Paris-1883-p. 73-74.

(3) Déch. *Manuel*. III (ed. 1927), 357-fig. 363. As mesmas campânulas apresentam vários objectos de Bronze achados em Portugal e classificados, não sabemos se com bons razões, nos comêços da 2.ª Idade do Ferro, como uma fibula de Trás-os-Montes (Vid. L. de Vasc., *Rel. da Lus.* III, 128-fig. 55), um *acus* de Sabroso (Vid. Martins Sarmento, *Rev. de Guimarães*-XXIV, 60), etc.

das de influência fenícia, do tesouro de Aliseda (Caceres), às quais o Sr. Mélida assinala o séc. VI a. C. (1). Porém, a uma data muito mais recente devem pertencer as nossas arrecadas, devido a um indículo que não podemos esquecer, e que é o de as provenientes de Laundos terem aparecido dentro de um vaso de barro, no entulho constituído por vários materiais cerâmicos e tijolos de rebordo, existente no interior da casa circular de um castro cujas ruínas ofereciam vestígios de intensa romanização. Quanto às duas restantes arrecadas, uma delas, comprada no Porto pelo coleccionador Sr. Sousa Neves e mais tarde cedida para o Museo Etnológico, parece ser de um tipo mais antigo que as de Laundos, Afife e Estela; assemelha-se muito às do Castro galego de Masma (2). E a de S. Martinho d'Anta revela, por sua vez, um carácter mais moderno; com a parte superior em ferradura e a inferior rematando à maneira de bagos de um cacho de uvas (3) apresenta um aspecto muito semelhante a outras jóias desta natureza depositadas no Museu do Louvre. (4)

Como as arrecadas de Laundos datam evidentemente as suas congéneres de Afife e Estela, datarão também, com todas as probabilidades, o restante espólio desta última localidade—ou seja, o colar de peças articuladas, onde aparecem os mesmos elementos ornamentais caliciformes) e a cabeça de um colar rígido formada por dois troncos de cone, de superfícies côncavas, ligados pela base. Parece-nos, portanto, poder inferir-se que êste último tipo de colar, com grandes botões terminais (troncónicos, piriformes, etc.), muito freqüente na Galiza, se não deve colocar no início da cultura céltica post-hallstattiana, como alguns querem, mas já no declinar dessa cultura do norte, quando os Romanos iniciavam a sua penetração na Península. E assim, a famosa armila de Lebução (Fig. 5-n.º 1), com sua variedade e delicadeza de ornatos incisos, à qual apareceram também associados colares rígidos do referido tipo de cabeças troncónicas (Fig. 4-n.º 6), será, em nossa opinião, uma peça da mesma época destes colares. De resto, os *motivos* ornamentais da armila de Lebução, com suas *gregas*, entrelaços, circunférências secantes formando as conhecidas rosáceas de losangos cíclicos, etc., são vulgaríssimos na arte decorativa greco-itálica. Julgamos pois, como dissemos, esta célebre armila de uma época relativamente próxima, muito embora filiada num tipo arcaico, também praticado em folha canelada, como certos braceletes de Arnozela (Fig. 5-n.º 3), e outros, sem decoração alguma, talvez pertencentes à Idade do Bronze. (1)

Certamente já romano de origem, simples produto de importação, será o bracelete de Guiães (2), aparecido dentro de uma taça romana em forma de calote esférica, juntamente com alguns denários da República; e bem assim algumas das fíbulas de prata, e uma de ouro, atrás mencionadas, pelo menos as de Fiães e Mogadouro, esta última de charneira. As de Monsanto (Beira) relacionam-se com o tipo *ibérico*, sendo uma delas zoomórfica.

Finalmente, à cultura ibérica, que, entre os séc. V-II a. C., floresce no S., SE e Oriente da Península, influenciada pelas civilizações mediterrâneas, pertencem os conhecidos *torques* de prata, ou de ouro, de Vila Velha do Ródão, Monsanto e Monforte da Beira, Chão de Lamas, Torres Vedras e S. Mamede de Riba Tua (Fig. 4-n.º 4), quási todos do tipo *funicular*, de vários fios simplesmente torcidos, ou entrançados, e que, aparecidos no Norte do país, indicam claramente a penetração da cultura ibérica impondo-se à cultura céltica já talvez em

---

(1) J. R. Mélida, *Arqueología Española*, (1929). 136 e Lám. VII.

(2) Comparem-se as gravuras respectivas, em L. de Vasc., *Rel. da Lus.* III 431-fig. 219, *Portugália*, II, 408-fig. 5 e *Bol. de la Com. de Mon.* de Orense. III, Lám. III, entre págs. 98-99.

(3) Cf. gravura ampliada, na *História de Portugal* (ed. de Barcelos-1928). 1.900.

(4) A. de Ridder, *Cat. des Bijous Antiques du Musée du Louvre*-Paris-1924-p. 27, n.º 317-318 e Pl. VII, n.º 320-321. E remota a adopção déste assunto em joalharia (Cf. Perrot-Chipiez, *Hist. de l'Art dans l'antiquité*. III, fig. 585).

(1) Cf. Cuevillas-Brey, *Ob. cit.*-pág. 114.

(2) Vid. *O Arq. Port.*-XV (1910)-fig. 5, entre págs. 86-87.

decadência. São, pois, do tipo dito *ibérico*, que o Sr. Cabré coloca na 2.ª Idade do Ferro, como produtos do fabrico indígena da Hispânia consular e imperial do sul, apresentando-se a província de Jaen como a zona mais abundante nêstes achados. (1)

Sistematizando, poderemos, independentemente dos dados cronológicos bastante conjecturais que acabamos de apresentar, agrupar algumas das jóias arcaicas portuguesas—colares, braceletes e anéis—, atendendo apenas ao factor mais positivo, que é o seu tipo, a sua forma geral, como anàlogamente o fez o Dr. José Fortes (2). E esta *facies* arqueológica poderá ser um guia, mais ou menos seguro, para outras conclusões, posto que, seguindo o conselho de Déchelette, nunca devamos prestar às classificações um valor ilimitado, sendo antes necessário não esquecer as *nuances* devidas a múltiplas sobrevivências e às influências exteriores (3).

COLARES

I—Rígidos.

a)—Fechados:

1—Circulares, maciços e roliços, com ornamentação geométrica e fecho independente,

Penela e Portel (Évora).

2—Em forma de crescente, maciços, ornamentados ou não, e com fecho independente,

Sintra, Almoster, Serrazes.

3—Lisos, de secção quadrada, adelgaçando do meio para os extremos e com ganchos de prisão directa,

Reguengos.

4—Funiculares, de fios simplesmente torcidos ou entrançados, com ganchos de prisão directa ou pequenos anéis nos extremos, para passagem de um fio.

Cortinhas, V.ª V.ª do Ródão, Monsanto e Monforte da Beira e Torres Vedras.

b)—Abertos:

5—Com o corpo ou aro de secção poligonal e grandes cabeças terminais ornamentadas,

Lebução, Estela.

6—Aro de secção poligonal, ornamentado, e pequenos botões terminais,

Vale da Malhada.

7—Funiculares, terminando em cabeças piriformes ou de secção hexagonal.

Chão de Lamas.

II—Articulados.

8—De múltiplas peças ornamentadas,

Estela.

Das duas xorcas d'ouro, lisas, de Mangualde, e uma de Torres Vedras, a referência bibliográfica não menciona o tipo; igualmente não é indicado o tipo da proveniente de Vila do Conde, nem de um torques de prata e fragmento de outro, pertencentes ao Museu Etnológico. A citada referência, empregando a designação genérica de *xorcas*, sem mais esclarecimento, deixa-nos, também, na dúvida se se tratará realmente de colares, se de braceletes.

BRACELETES

a)—Fechados:

1—De folha larga, constituída por uma lámina delgada, canelada, lisa ou ornamentada,

Lebução, Arnozela, Beja, um de procedência indeterminada, adquirido no Porto, hoje no Museu Etnológico, e alguns dos arredores de Viseu, vendidos para Inglaterra.

2—Aro maciço, com ou sem ornamentação, e secção, rectangular, circular, elíptica, etc.,

Alijó, Arnozela, Vinhós, Moções, Outeiro da Assenta, Beja.

b—)Abertos:

3—Lisos, maciços, de secção circular ou poligonal, e com botões terminais,

Folgosinho Pêna Lobo, Castelejos, Serra da Conceição.

4—Maciços, ornamentados, secção poligo-

---

(1) Cabré Aguiló, *Actas* y *Mem. de la Soc. de Antr., Etnogr.* y *Preh.*-VI-1927-pág. 273.

(2) Cf. *Portugália*. II (1905-8), 414 e 618.

(3) Déchelette, *Manuel d'Arch.* III. pág. 6-nota 1.

nal, e com botões terminais,
Viseu.

5—Lisos, de secção poligonal e sem botões terminais,

Telões, Baralhas

6—Ornamentados, secção poligonal, extremidades sobrepostas em espiral, e pequenos botões terminais,
Gondeiro.

7—Lisos, secção elíptica, extremidades sobrepostas e sem botões terminais,
Bairro.

8—De folha larga, ornamentada,
Évora.

Dos dois de Pena (Cantanhede), bem como dos dois que pertenceram à colecção do Rei D. Fernando II, as referências bibliográficas não mencionam o seu tipo. Tampouco sabemos o tipo dos aparecidos em Vila Verde, e bem assim de uma armila de prata pertencente ao Museu Etnológico.

ANEIS

a)—Fechados:

1—Lisos, de secção irregularmente circular,
Brêa.

b)—Abertos:

2--Em hélice, de secção elíptica e sem botões terminais,
Brêa.

3—Em hélice, de secção losánguica, com ou sem botões terminais,
Gondeiro, Casal do Pardo.

Dos anéis procedentes de Avis, Cesareda e Serpa, a respectiva bibliografia não refere o tipo.

Acêrca da aplicação dos anéis em hélice cilíndrica, querem alguns AA. que eles tenham servido de instrumento de troca, precursores da moeda pròpriamente dita (Vid. *Portugália*. II, págs 68 e segts.). Porém, é opinião mais geralmente aceite que servissem para adôrno dos cabelos, enrolados nas tranças ou prendendo as madeixas (Déchelette, *Manuel d'Arch.* II-ed. 1924-pág. 352; Mélida, *Arq. Esp.*-1929-p. 98; etc.), e também para os dedos.

É tempo de considerar terminada a tentativa de inventário das nossas preciosas e formosíssimas jóias ante-romanas, algumas delas perdidas, infelizmente, para sempre.

Por certo que êste nosso trabalho é bem incompleto, devido a deficiências e dificuldades de ordem vária, entre as quais avulta a de não termos tomado conhecimento de algumas jóias que no Museu Etnológico se conservam ainda inéditas (1). Faltou-nos também a consulta de uma grande parte da vastíssima bibliografia espanhola sôbre joalharia primitiva, para o estudo comparativo; é imperdoável que nas nossas Bibliotecas públicas e Institutos scientíficos escasseim, geralmente, as fontes e monumentos escritos da moderna cultura espanhola, estando assim quem, pelas necessidades de estudo, recorre a essas Bibliotecas completamente privado de tão preciosos elementos de trabalho e na ignorância do intenso movimento intelectual peninsular dos nossos dias.

Esperamos, porém, que o nosso esfôrço não tenha sido de todo inútil e que, pelo menos, estimule a vontade e ofereça o ensejo para mais completos e bem documentados trabalhos sôbre êste interessante assunto, bem digno de atenção. Já em 1924 dizia o Sr. Salomon Reinach, na Sociedade dos Antiquários de Londres, referindo-se à nossa joalharia: «An illustrated Catalogue of all those finds would be of great interest».

Octubro de 1929.

---

(1) Com satisfação constatamos, segundo informe do actua Sr. Director do Museu Etn., que o Sr. Prof. Leite de Vasconcelos trabalha presentemente num estudo sôbre esas jóias. O laconismo com que, até hoje, ten sido feita a comunicação de muitas aquisições dêsse Museu, no seu orgão oficial (*O Arqueólogo Português*), não faculta elementos suficientes para a sua classificação. Algumas jóias tem sido ali descritas apenas com a simples designação de *antigas*. Ex.: Vol. I, 220—um brinco antigo de ouro; vol. IV, 243—um anel de prata antigo; vol. X, 382—quatro objectos d'ouro, anulares; vol. XI, 285 e 287—dois anéis e uma pulseira d'ouro, antigos; vol. XVIII, 154—um anel d'ouro proveniente da Batalha; vol. XXII; 296—um anel antigo, d'ouro, proveniente de Abrantes; etc.

III

BIBLIOGRAFIA DAS JÓIAS ARCAICAS PORTUGUESAS

(Para facilidade consultiva damos, por ordem alfabética, os nomes das localidades onde as jóias apareceram, ou onde foram compradas [*], seguidos da bibliografia respeitante às mesmas jóias e da indicação do local onde se encontram actualmente depositadas, ou destino que tiveram. De várias ignoramos o seu paradeiro.)

I—COLARES

Almoster. — Major Figueiredo, *Jornal de Santarem* (1893), n.º 514 a 517; Leite de Vasc., *O Arq. Port.* II (1896), 21 e XI (1906), 532; Ricardo Severo, *Portugália* II (1905-8), 72; L. de Vasc. *Historia do Museu Etn. Port.* (1915), 365.

(No Museu Etnológico.)

Chão de Lamas.—Pedro Mg. de Artiñano, *Cat. de la Exp. de Orfebreria Civil Española* (1925), 110 n.º 295 e 296; Cabré Aguiló, *Actas y Mem. de la Sociedad Esp. de Antr. Etnogr. y Preh.* VI (1927), 263; J. R. Mélida, *Arqueologia Española* (1929), 233.

(No Museu Arqueológico Nacional de Madrid.)

Cortinhas (Riba-Tua).—José Fortes, *Portugália.* II (1905-8), 119; Leite de Vasc., *O Arq. Port.* XI (1906), 355.

(No Museu Municipal «Azuaga» —Vila N.ª de Gaia.)

Estela.—José Fortes, *Portugália.* II (1905-8), 605.

(No Museu Municipal do Porto.)

Lebuçac.—Ricardo Severo, *Portugália.* II (1905-8), 1; L. de Vasc., *O Arq. Port.* XI (1906), 349.

(Um fragmento no Museu Etnológico.)

Mangualde.—Leite de Vasc., *O Arq. Port.* XXII (1917), 133.

(Desaparecidos.)

Monforte.—L. de Vasc., *O Arq. Port.* XI (1906), 355; C. L., *O Arq. Port.* XVIII (1913), 161; L. de Vasc. *Hist. do Museu Etn.* (1915), 369; L. de Vasconcelos. *O Arq. Port.* XXII (1917), 341 e XXIV (1920), 104.

(No Museu Etnológico.)

Monsanto.—L. de Vasc., *O. Arq. Port.* XXII (1917), 341 e XXIV (1920), 102.

(No Museu de Castelo Branco. Um, de ouro, desaparecido.)

Penela.—J. Possidónio, *Bol. da Real Ass. dos Archit. Civis e Archeol. Portuguezes.* IV (1883), 62; G. de Cougny, *Ibidem* (1884), 70; Delfim de Oliveira, *Notícias de Penela* (1886), 191; Martins Sarmento, *Ibidem*, 227; Filipe Simões, *Album de Fotografias da Exp. de Arte Ornamental*, p. 16 - nota 8; Leite de Vasc., *O Arq. Port.* II (1896), 21; Carhitalac, *Ages Préh. de l'Espagne et du Portugal* (1896), 297; Pierre Paris, *Essai sur l'Art et l'Industrie de l'Espagne primitive.* II (1904), 243; Pedro d'Azevedo, *O Arq. Port.* XVI (1912), 207; Joaquim de Vasconcelos, *Arte* (1912), 94-50; Reinach, *The Antiquaries Journal* V (1925), 124.

(Desaparecido do Palácio Real das Necessidades —Lisboa—, em 1910).

Portel (Évora).—Notícia do achado, no periódico *Notícias d'Évora*, de 15—10—1909; Salomon Reinach, *The Antiquaries Journal*. V (1925), 123; análises críticas do art. anterior por J. Loth, *Mém. de la Soc. d'Hist. et d'Arch. de Bretagne*. VI (1925) 140 e Bosch Gimpera, *Butlletí de l'Asociació Catalana de Arq., Etnogr. i Preh.* IV (1926), 228.

(No Museu de St. Germain-en-Laye).

Reguengos.—Gabriel Pereira, *O Manoelinho d'Évora* (1886), n.º 287; Leite de Vasc. *O Arq. Port.* II (1896), 22.

(Desaparecido).

Serrazes.—Ricardo Severo, *Portugália*. II (1905-8), 109; M. J. Campos, *O Arq. Port.* XII (1907), 350.

(No Museu Etnológico).

Sintra.—L. de Vasc. *O Arq. Port.* I (1895), 160 e II (1896), 17, 22 e 23; Gabriel Pereira, *Bol. da R. Ass. dos Archit. Civis e Archeol. Port.* VII (1896), 77; Cartailhac, *L'Anthropologie* (1896), 373; L. de Vasc. *O Arq. Port.* VII (1902), 155; Pierre Paris, *Essai, etc.*, II (1904), 244; L. de Vasc. *O Arq. Port.* XI (1906), 352; Reinach, *The Ant. Journal*. V (1925), 124.

(No British Museum).

Torres Vedras.—M. J. Campos, *O Arq. Port.* XI (1906), 285; L. de Vasc. *Ibidem* 355 —nota 1.

(No Museu Etnológico).

Vale da Malhada.—José Fortes, *Portugália*. II (1905-8), 412.

Vila do Conde.—Leite de Vasconcelos, *O Arq. Port.* X (1905), 48.

(No Museu Etnológico).

Vila Velha do Ródão.—Leite. de Vasconcelos, *O Arq. Port.* XI (1906), 355; C. L., *O Arq. Port.* XVIII (1913), 161; L. de Vasc. *O Arq. Port.* XXIV (1920), 104.

(No Museu Etnológico).

Viseu (1).—Gabriel Pereira, *O Manoelinho d'Évora* (1886), n.º 287; Leite de Vasc. *O Arq. Port.* II, 21.

?—Um torques de prata e fragmento de outro, de proveniência desconhecida. Cf. Leite de Vasc., *O Arq. Port.* I (1895), 222.

(No Museu Etnológico).

II—BRACELETES

Alijó.—Ricardo Severo, *Portugália*. II (1905-8), 68 e nota 1.

Arnozela.—Ricardo Severo, *Portugália*. II (1905-8), 63; Leite de Vasc. *O Arq. Port.* XI (1906), 351-352.

(No Museu Etnológico).

Bairro.—J. Fortes, *Portugália*. II (1905-8), 413; M. J. Campos, *O Arq. Port.* XII (1907), 350; L. de Vasc., *Ibidem*. XIII (1908), 161.

(No Museu Etnológico).

Baralhas.—Leite de Vasc. *O Arq. Port.* II (1896), 86-88; Ricardo Severo, *Portugália*. II (1905-8), 67 e 70.

(Desaparecidos).

Beja.—L. de Vasc. *O Arq. Port.* XI (1906), 351 —nota 3.

(No Museu Etnológico).

Castelejos.—Leite de Vasc. *O Arq. Port.* I (1895), 81 e 91, e II (1896), 22.

(No Museu de Alcácer do Sal).

Évora.—*Bol. da R. Ass. dos Archit. Civis e*

(1) Suspeitamos que os dois colares (?) de Viseu mencionados aqui sejam a *lúnula* e *bracelete* reproduzidos por Cabré Aguiló, nas *Actas y Mem. de la Soc. Esp. de Antr., Etnogr. y Preh.* VI (1927), 281.

Archeol. Port. VII (1894), 6; Leite de Vasconcelos. *O Arq. Port.* II (1896), 22.

(Desaparecidos).

Folgosinho.—Martins Sarmento, *Relatório da Expedição Scientífica á Serra da Estrela* (1881), 15 e Est. V; Leite de Vasconcelos, *O Arq. Port.* II (1896), 21.

(Desaparecidos. Dois deles roubados do Museu da Soc. Martins Sarmento — Guimarães —, em 1898).

Gondeiro.—Notícia do achado em *O Século* —Lisboa, de 21-7-1929; José de Pinho, *Penha-Fidelis* (1929), 205.

(No Museu da Sociedade Martins Sarmento—Guimarães).

Gïães.—Henrique Botelho, *O Arq. Port.* XV (1910), 85.

(No Museu Etnológico).

Lebução.—Ricardo Severo, *Portugália.* II (1905-8), 1; L. de Vasc. *O Arq. Port.* XI (1906), 349.

(Um fragmento desta armila encontra-se no Museu Etnológico).

Moçães.—Henrique Botelho, *O Arq. Port.* IX (1904), 169.

(No Museu Etnológico).

Outeiro da Assenta.—F. Alves Pereira, *O Arq. Port.* XIX (1914), 138.

(Desaparecidos).

Pêna (Cantanhede).—L. de Vasc. *O Arq. Port.* I (1895), 159 e 314, e II (1896), 22.

(No Museu Etnológico).

Pêna Lobo.—Martins Sarmento, *Rel. da Exp. Scient. á Serra da Estrela,* (1881), 15—nota 1; L. de Vasconcelos *O Arq. Port.* II (1896), 21.

(Desaparecidos).

* *Pôrto.*—L. de Vasc. *O Arq. Port.* XI (1906), 351; Idem, *Religiões de Lusitânia.* III (1913), 118.

(No Museu Etnológico).

Serra da Conceicão (Tavira).—Estácio da Veiga. *Antiguidades Mon. do Algarve.* IV (1891), 191—est. XXII, fig. 15; L. de Vasc. *O Arq. Port.* II (1896), 21.

Telões.—Ricardo Severo, *Portugália.* II (1905-8), 109 e 283.

(Na posse do R. P.e José Brenha — Póvoa de Varzim).

Vila Verde.—José de Pinho, *Penha-Fidelis* (1929), 208—nota 3.

(Desaparecidos).

Vinhós.—Henrique Botelho, *O Arq. Port.* XI (1906), 271.

(Um no Museu Etnológico e três desaparecidos).

Viseu (1).—Cabré Aguiló, *Actas y Mem. de la Soc. Esp. A., E. y P.* VI (1927), 281.

Viseu:—Informação do Arqueólogo Sr. Dr. R. de Serpa Pinto.

(Vários, vendidos para Inglaterra).

?—Dois braceletes de procedência indeterminada, que pertenceram à colecção do Rei D. Fernando II. Cf. Gabriel Pereira, *O Manoelinho d'Évora* (1886), n.º 287; L. de Vasc. *O Arq. Port.* II (1896), 22.

?—Uma armila de prata, de proveniência desconhecida. Cf. Leite de Vasc., *O Arq. Port.* I (1895), 222.

(No Museu Etnológico).

III—DIADEMAS

Alcalar.—Estácio da Veiga, *Antiguid. Mon. do Algarve.* III (1889), 225 e IV (1891), 46.

Balaugães.—Estácio da Veiga, *Antiguid.*

(1) Vide nota 1 de pág. 29.

Mon. do Algarve, IV (1891), 46; L. de Vasc. *O Arq. Port.* XI (1906), 355 e 367.

(Desaparecido.)

Brêa.—José Fortes, *Portugália,* II (1905-8), 241; Idem, *Revue Préhist.* (1906) n.º 5; *O Arq. Port.* XV (1910), 247.

(No Museu Etnológico.)

?—Uma fita d'ouro (diadema?) de proveniência desconhecida, citada por M. J. Campos, *O Arq. Port.* XII (1907), 110.

(No Museu Etnológico.)

IV—LÚNULAS

Cabeceiras de Basto.—Mário Cardozo, Rev. *Nós.*-A Cruña-1929, n.º 72.

(Na posse do Sr. Serafim de Sousa Neves—Viana do Castelo.)

Cháo de Lamas.—P. Mg. de Artiñano, *Cat. de la Exp. de Orfebreria Civil Española* (1925), p. 110, n.º 292 e 293; Cabré Aguiló, *Actas y Mem. de la Soc. Esp. de Antr., Etnogr. y Preh.*—VI (1927), 263; J. R. Mélida, *Arqueologia Española (1929), 263.*

(No Museu Arqueológico Nacional de Madrid.)

Viseu (1).—Cabré Aguiló, *Actas y Mem. de la Soc. Esp. de Antr., Etnogr. y Preh.* VI (1927), 280, 281.

V—ARRECADAS

Afife.—Ricardo Severo, *Portugália.* II (1905-8), 406 e nota 1.

(No Museu Etnológico.)

Estela.=José Fortes, *Portugália.* II (1905-8), 605.

(No Museu Municipal do Porto.)

Laundos.—Ricardo Severo, *Portugália.* II (1905-8), 403.

(No Museu Municipal do Porto.)

* *Pôrto.*—Ricardo Severo, *Portugália.* II (1905-8), 406 e nota 1; Leite de Vasc., *Religióes da Lusitânia.* III (1913), 431, 435-nota 3 e fig. 219.

(No Museu Etnológico.)

S. Martinho d'Anta.—Mendes Corrêa, *Hist. de Portugal* (Barcelos-1928), 1,190.

(Na posse do Sr. José Maximiano Correia de Barros.)

VI—ANEIS

Avis.—C. L., *O Arq. Port.* XVIII (1013), 141.

(Dois no Museu Etnológico, e outro na posse de un particular).

Brêa.—José Fortes, *Portugália.* II (1905-8), 241; Idem, *Revue préhist.* (1906), n.º 5; *O Arq. Port.* XV (1910), 247.

(No Museu Etnológico).

Casal do Pardo.—Marques da Costa, *O Arq. Port.* XII (1907), 329.

(Na posse do Sr. Ten. Coronel Marques da Costa-Setubal).

Cesareda (Lourinhã).—Luis Chaves, *O Arq. Port.* XIX (1914), 368; L. Saavedra Machado, *O Arq. Port.* XXIV (1920), 245.

(No Museu Etnológico).

Gondeiro.—Noticia do achado em *O Século,* Lisboa-de 21-7-1929; José de Pinho, *Penha-Fidelis* (1929), 205.

(No Museu da Sociedade Martins Sarmento—Guimarães).

Serpa.—Leite de Vasc., *O Arq. Port.* XI (1906), 352; M. J. Campos. *Ibidem,* XII (1907), 218.

(No Museu Etnológico).

(1) Vide nota 1 de pág. 29.

VII—FÍBULAS

Fiães da Feira.—Informação do Arqueólogo Sr. Dr. R. de Serpa Pinto.

Mogadouro.—José Fortes, *O Arq. Port.* IX (1904), 1.

(No Museu Etnológico).

Monsanto (Beira). —Leite de Vasc., *O Arq. Port.* XXIV (1920), 103.

(No Museu de Castelo Branco).

? —Uma fíbula de ouro, de proveniência desconhecida. Cf. J. Henriques, *O Arq. Port.* IV (1898), 288; L. de Vasc., *O Arq. Port.* XIII (1908), 356.

(No Museu Etnológico).

VIII—PEÇAS DE APLICAÇÃO INCERTA

Beja.—Pequena palma: M. J. Campos, *O Arq. Port.* XII (1907), 218; J. Carvalhais, *O Arq. Port.* XIII (1908), 376.

« —Pequenas laminas: Vergílio Correia, *O Arq. Port.* XX (1915, 299).

(No Museu Etnológico).

Bensafrim (Algarve)—Disco: Santos Rocha, *Bol. da Soc. Arch. Santos Rocha,* I (1904-7), 64; Pedro Belchior da Cruz, *O Arq. Port.*, VII (1902), 100; José Fortes, *Portugália.* II (1905-8), 492; Idem, *Revue Préhistorique* (1907), n.° 10; Alvaro d'Azevedo, *O Arq. Port.* XII (1907), 376.

Bougado Arcos: Joaquim de Vasconcelos, *Arte* - Porto - (1912), 38.

(No Museu Municipal do Porto).

Cabeceiras de Basto Discos: Mário Cardozo, Rev. *Nós* - A Cruña (1929), n.° 75.

(Na posse do Sr. Serafim de Sousa Neves, de Viana do Castelo).

Casal do Pardo Pequenos tubos e uma placa rectangular: Marques da Costa, *O Arq Port.* XII (1907), 329 e 335.

(Na posse do Sr. Ten. Coronel Marques da Costa - Setubal).

Condeixa-a-Velha—Disco: Vergílio Correia, O Arq. Port. XXI (1916), 261.

D U A S N O T A S

A BIBLIOTECA LAGO

En cada ano unha ves, tal día como hoxe, temos que facer a lembranza do Dr. Lago a quen a morte non deitará no esquecemento. E este ano, anque o seu corpo siga soterrado no escuro pudrideiro dos Arcebispos compostelans temos xa, ergueito e perdurabre, un moimento aquecido ô seu espríto: a Biblioteca que leva o seu nome, a xurdir a cotío óleo de saude, como o sartego de San Faxildo.

Agora temos o seu inventario imprentado, feito con miudo traballo por Don José María Bustamante, fasquía leda de entomólogo, rexo ánimo de explorador, que non perde quentura na valorenta friaxe das longas mañáns de traballo na Bibrioteca universitaria.

Non podería facerse biografía mais ouxetiva que a recadada n'este Catálogo. Dispersal-os libros de un morto é mais noxento que espallar as suas cinzas. Bouza descubríu o segredo da formación de Pondal nos seus libros da Sociedade Económica de Santiago; eu mesmo topei a írtida inquedanza de Don Diego Juan de Ulloa na sua biblioteca arrecantada no Arquivo Catedral e ó mercare a probe abada de impresos que deixou Porteiro espín un iñorado esprito de crasicista, que ninguén ollara no loitador. Na mesma Compostela, Felipe de Castro, Pedro de Acuña, Raxoy, La Sagra, López Ferreiro agardan semblanzas bibliográficas, como a que poidera facerse de Don Pedro Antonio Sánchez na Biblioteca do Consulado da Cruña. O nome de Vales Faílde non morrería tan cedo si os seus libros tiveran sido mercados pol a nosa facultade de Dereito. Esto entre nós, que fora mancheas de homes nos amostran que unha laboría artística pode ser efímera a caron d'unha esperta recollida de libros ou de ouxetos.

Biblioteca Lago é decir galeguidade e universalidade, ampria longanza científica, investigacións dos orixens e degoro das novedades, aficións de botánico, bibliófilo e poeta, alicerce de rexa formación relixiosa, e práctica de moitas línguas, como medio de traballo.

Inzarán os cultivos do seu xardín na nosa nai compostelán. Que regalo do esprito tanta semente axuntada gran a gran, cada libro un gozo e un sacrificio! Que arela a cada novo encargo! O Bispo, na solaina do pazo, perdería o ollar nos «millos da verde Armamá» degorando a chegada do correo. Logo a ledicia de fitar os sellos e o timbrado dos paquetes recendentes a tipografía e a longas viaxatas europeas, e a mán tremente que desgrilloa os libros: pequenos libriños dos crásicos, nísperos doces pra a soedade dos vráns na Pousa; grandes tomos do Migne e do *Cursus Scripturae*, sabor de xugosas noces pra as seráns do inverno; mel fresqueira do Mediterráneo, en limpos vidros de Verdaguer e de Mistral, pr'as feridas da loita; viño acedo de inquedanzas políticas desvelo nos días de sopor outonizo... e logo, pr'as albadas brancas da pascua, as froliñas miudas dos nosos Cancioneiros.

Na noite de Tuy, deitada en fondas venelas, como auga en pousados canles, a luciña da cámara do Bispo remexía as trebas deica o rayar do sol, e na noite compostelán, temerosa sempre d'un espertar das arquitecturas barrocas, aquel cuartiño de estudiante en que durmía, acenaba sempre roitas de traballo, c'unha limpa rayola, testemuña do seu ergueito vixiar. Aínda aquela doorida mañán de marzal en que, denantes que soaran as bateladas da i-alba, viñéronme chamar pra acompañar o seu Viático, o mellor adobío da espida habitación eran uns libros, pechados de días, sobre calquer mesiña, uns

probes libros que agardarían aínda agora unha mán cariñenta se non estiveran cabo de nós.

Este busto romanizante posto no medio da Biblioteca non é o de un brando pastor do pobo fiel senon o de un xerente de pobos. Pero cicais, ca sua forza, prediga a función que poden ter os libros seus, rexa chamada a todos, que alí xuntamos o noso probe esprito ô seu esprito.

KINGSLEY PORTER

O nome ben amado dos estudiosos do románico encabeza agora unhas follas de lene filosofía: divertimentos de sabio en días de vagar, conversas de paseio, entre campias, â percura de algún moimento, escritos de travesía do Atlántico, cando o aborrecimento de longas horas sen libros preme o coidar. Estes pequenos ensaios de diversas procedencias, xuntos no 1928 en «*Beyond Arquitecture*» e traducidos ô castelán por Pérez de Urbel, teñen emoción de camiño: ándanse logo e desándanse a modiño, unha e outra ves, para abrir un dos hourizontes de interrogacións que tanto ama o noso Otero Pedrayo.

Tres ensayos, tres reaccións do sabio frente ôs temas cotiáns da sua vida: un campo de traballo, o estudio do arte, a vida mesma... O primeiro, con forte saxonismo, ataca o arte román na sua falla de ledicia creadora. O sabio, farto de fichas, fotos e libros topa o triste valeiro d'un arte mercenario que sigue inspirando a artesanía dos copistas. Fai como unha composición de lugar pra o segundo: «*Estrelas e telescopios*», vacuna pra o arte contra o andacio da historia, onde percura, baixo a mesta producción dos nosos días e os sofísticos tesouros dos Museos, os alicerces da emoción estética. Na buscada definición inza a revolta do erudito contra a confusión de medios e fins, que chamara entre nós Lousada Diegues «inventario da testamentaría». As concrusións recóllense no final, no mais agudo dos tres ensayos. Unha visión da vida actual pra anotar datos básicos de unha posición antimoderna e antisocietaria. Compre a técnica escolástica de Maritain pra organizar feitos da forza dos que aquí xoga Porter, mais achegado a manexar fotos de escultura románica que datos sobre o futbol como feito revelador. O xuguete é denso d'abondo pra un «intruso» na profesión filosófica, e, xa non pode dar un froitoso examen de causas, faise agudo cartel de propaganda, contra a propaganda mesma, tan boo aperitivo de outa filosofía que poidera firmalo Chesterton, cuyo estilo vitaliza todo o libriño.

Espello da posición dos estudiosos e sobre todo dos estudiosos mártires do balbordo das grandes vilas, axíl glosa do «Beatus ille» e un frenazo en toda carreira, prólogo de unha «teoría da velocidade»; no seu remate pode escomenzar a laboría do leitor. Porter topa âs xentes alonxadas de Ruskin, pero demostra que xa hai no mundo quen poida continuar en Compostela, «*As pedras de Venecia*».

Pontevedra, Marzo, 1930.

FILGUEIRA VALVERDE.

VEN D'APARECER

TOMO I das OBRAS COMPLETAS

de LEIRAS PULPEIRO 3 ptas.

OS HOMES, OS FEITOS, AS VERBAS

UNAMUNO E AS LINGUAS PENINSUARES

El Pueblo Gallego *reproduciu, non sabemos con que fin, unha conversa que un jornalista portugués sostivo con Don Miguel de Unamuno, na qual o apaixoado filósofo, fidel n-isto ao seu pensamento imperialista e absorvente de castelán d'adopción, decrárase nemigo das língoas regionás, e ainda ainda do propio portugués.*

Nonos estranou nada. Así é coma pensa Castela, cuio esprito tan ben se soupo asimilar Unamuno. E ademais, sabemos ben, ata por esperencia persoal, que Don Miguel ten esprito de contradición; ponse de cote co que fala co-il, en posición polémica, e compre lembrar que n-iste caso, falaba c'un portugués. Sócrates era pra o seu interlocutor un guía; Unamuno é un nemigo. Nós vemos n-isto unha superioridade d'Unamuno sobre Sócrates. A polémica é moito mais froitosa, coma meio pedagógico que non o interrogatorio mayéutico. Ainda compre dicir que Unamuno nono fai por mal; nen ainda se cadra por esprito combativo. Fai-no porque o seu pensamento penetra tan fondo nos probremas, que lle presenta nidios, un frente ao outro o pro e o contra. Pra todo home que pensa, resulta sempre da meirande utilidade ter en frente quen lle poña os argumentos contrarios. D'unha conversa d'estas sole un saír co-as suas ideias mais afirmadas.

Foi o que nos pasou despois de leer a conversa d'Unamuno co jornalista portugués. Confirmouse a fé que temos na nosa língoa.

Cra'stá que o argumento que Unamuno pôn contra d'ela, pra ser d'il, non é moi fondo, nen moi forte, nen moi novo. Enantes qu'il, empregouno eiquí Don Jaime Solá. E afinal, Unamuno non quer que señan perseguidas as língoas regionás: «Admito el suicidio; pero no admito el crimen», dí. Recollemos esta afirmación: o mestre recoñece que deixalas morrer é un suicidio. Así tamén o entendemos nós.

Somentes que non queremos o suicidio de Galicia. Quererán os portugueses seguir o consello d'Unamuno, suicidárense a prol de Castela, â que Unamuno quer facer herdeira universal de todal-as terras peninsuares?

AS VACANTES DA ACADEMIA GALEGA

A nosa Academia decrarou as vacantes d'Académicos de númaro dos Sres. Pan de Soraluce, Nóvoa Santos, Iltmo. P. Plácido Angel Rey Lemos e García Acuña, todas elas por ausencia de Galiza.

Pra sustituílos foron propostos respeitivamente:

Pr'a do Sr. Pan de Soraluce, o noso compañeiro Castelao.

Pr'a do Dr. Nóvoa Santos, o Dr. Rodríguez Cadarso, e o noso compañeiro Florentino L. Cuevillas.

Pr'a do Iltmo. P. Plácido Angel Rey Lemos, o Sr. Montenegro Soto, e o noso colaborador Gonzalo López Abente.

Pr'a do Sr. García Acuña, o R. P. Samuel Eiján e o noso colaborador Xavier Prado.

NOVOS LIBROS

A Editorial NÓS anuncia a saída dos libros seguintes:

Cincuenta homes por dez reás, do Castelao.

Contos de Ken Keirades.

Arredor de sí, novela de R. Otero Pedrayo.

As Égoglas do Virxilio, tradocidas â língoa galega por A. Gómez Ledo.

A Biblioteca de Estudios Gallegos da C. I. A. P. fará xurdir aixiña *La Política en Galicia* de Vicente Risco.

NÓS traballa aitivamente na tirage dos volumes III, IV e V dos *Arquivos do Seminario d'Estudos Galegos.*

O Seminario pubricará tamén aixiña o estudo en col dos Cruceiros e Perdons armoricáns debida ao noso compañeiro Castelao.

UNHA CONFRENCIA DO TOBÍO EN BERLÍN

No Romanisches Seminar da Universidade de Berlín, deu o noso colaborador Lois Tobío unha confrencia en col da Galiza de hoxe e da sua renacencia espirtual, na qual fixo un estudo de conjunto da nosa vida, das nosas letras e desenvolvimento científico nos nosos días, e da sua sinificazón.

O Tobío obtivo co-esta confrencia un éisito remarcábele, e co il, o movemento de renacencia galega, que d'iste geito vai sendo cada día millor coñecido no mundo. Temos lido en diversos lados, loubanzas feitas â confrencia do Tobío, que deu n ela unha perfeita visión sintética do noso estado cultural.

Por elo dámol-o parabén ao noso querido colaborador.

OUTRAS CONFRENCIAS

Na Universidade de Bonn deu algunhas en col de múseca popular hespañola o Profesor Martínez Santa Olalla, querido amigo noso. Os ointes gorentaron os anacos de múseca galega qu'ilustraron a disertación.

En Fregenal de la Sierra deu o noso colaborador Alvaro de las Casas tres confrencias tidoadas «Visión histórica y geográfica de Galiza».

NOVAS DE PORTUGAL

No mes de janeiro fixose en Lisboa a Exposizón das Escolas Técnicas, na sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, concorrendo as Escolas Industriás e d'Artes e Oficios de todo o país. O éisito foi ben grande, causando moita sorpresa no púbrico o adiantamento que a tal esposizón amostrou no enseño das Artes industriás en Portugal.

Tamén se fixo unha manifica esposizón de pintura do Grupo «Silva Porto».

A Sociedade «Martíns Sarmento» de Guimarães vai comemorar pra o 9 de marzal de 1930, o centenario do nacemento do seu patrono.

Pubricaronse os fascículos 16 e 17 de *Historia da Literatura Portuguesa-Ilustrada*, que dirige Albino Forjaz de Sampaio. Conteñen: *Os continuadores de Gil Vicente*, por Gustavo de Matos Sequeira, e *Sá de Miranda—A escola nova ou escola italiana*, por Marques Braga.

Comenzou a se pubricar en Lisboa a revista *Portugal Feminino*, que dirige D.ª María Amelia Teixeira.

LIBROS

ORBALLO DA MEDIA NOITE, por Roberto Blanco Torres, Cruña, NÓS, 1929.

Causando a moitos certo pasmo, Roberto Blanco Torres, jornalista e polemista, de tendenza sempre fllosófica que debe â sua educazón, pois ao comenzo iba pra teólogo, botou â rua un libro de versos dinos d'un poeta já feito qu'endejamais houbera feito outra cousa senón versificar.

Moi ben. Elo causa ledicia: a vea líreca galega sigue a deitar, e ha deitar sempre. O pulo lírico é siñal da eternidade da y-alma da nosa Terra.

Os poemas do Roberto Blanco Torres manifestan todal-as suas inquedanzas, teñen algo de líreca confesión. Preocupación metafíseca, arela panteísta que enche a natureza de sinificados conceitos, e fai que o arbre, o junco, o grilo, a lúa, deveñan símbolos d'un trasmundo humán. E a mais d'isto, esa inquedanza da liberdade e ise repudio do vicio, da mintira convencional e da corrupción do tempo, que fan do Roberto Blanco Torres un poeta civil. Se no primeiro—*Orballo. O Segredo, No camposanto*—lembra un pouco se cadra ao Teixeira de Pascoaes, no segundo—*A cibdade, Os tempos*—lembra ben ao Cabanillas da segunda edizón de *No Desterro*, satírico indinado ao geito de Juvenal, desbotando e dispreciando todo o que non encaixa adentro d'unha visión de pureza na vida e nas relaciós dos homes.

Non crebando de súpeto os vellos moldes da poesía, o Blanco Torres fai unha líreca de fondo moderno, e non recúa tampouco diante das images arriscadas, embora o pensamento d'il fuxa pol-o geral da retórica, e queira millor se presentar ispido e diáfano, âs veces c'un llano vulgarismo unamunesco. O Blanco Torres é un gran lector d'Unamuno, e un dos poucos que en Galiza saben ademirar d'Unamuno o qu'iste ten realmenmente dino d'ademiración. Coma il fai versos de filósofo, e n-isto é un dos poucos en Galiza. López Abente, querendo ou sen querer, lle fai compaña.

De todal-as maneiras, o libro de Roberto Blanco Torres resulta unha cousa nova eiquí, e por elo mais dina ainda d'estimanza, fora dos seus méretos intrínsecos. Ten ademais, intrés.

REVISTAS

BROTERIA, Lisboa, Agosto, 1929.

SUMARIO: *Os Beatos La Columbière e Dom Bosco*, Paulo Durão Alves.—*O. P. Luis Frois S. J. e a sua «Historia do Japão»*, G. Schurhammer.—*A industria do Radio*, A. Pio Leite.—*Preconceitos contra as Ordens religiosas em Portugal. Meios de os combater*, Domingos M. G. dos Santos.—*Revista de revistas.—Notas bibliograficas.—Obras recebidas na Redacção.—Efemérides.*

Setembro 1929.

SUMARIO: *Preconceitos contra as Ordens religiosas em Portugal.—Estação Paleolitica de Carreço*, Tenente Afonso de Paço.—*Dois Nacionalismos*, Paulo Durão Alves.—*A concordata entre a Santa Sé e a Italia*, E. Jombart.—*Cronica do movemento religioso*, Joaquim Maria Moreira.—*R. de R.—Subsidios para o Vocabulario portugués*, Serafim Gomes.—*N. Bibliog.—Obras recebidas.—Efemérides.*

Outubro 1929.

SUMARIO: *O movimento liturgico na Holanda e na Belgica*, Gerald Ellard.—*Talita*, Serafim Leite.—*O centenario da «emancipação dos catolicos em Inglaterra*, Paulo Durão Alves.—*Duas impressões portuguesas desconhecidas (seculo XVI)*, G. Schurhammer.—*Idade Meia. O Infante D. Afonso. Guerra civil de 1926*, Luis G. de Azevedo.—*Bisexualidade parthenogenética e heterogonia dos Cynipades*, J. S. Tavares.—*Subsidios para o Vocabulario portugués.—Notas e factos.—R. de R.—N. bibliog.—Efemérides.*

Novembro 1929.

SUMARIO: *O movimento liturgico nos Estados Unidos*, G. Ellard.—*Camões e os Jesuitas*, D. Mauricio G. dos Santos.—*Os Estrimnios, os Saefes e a Ofiolatria na Galiza*, Eugenio Jalhay.—*Cronica do movimento religioso. Alemanha*, Serafim Leite.—*R. de R.—N. bibliog.—Obras recebidas.*

Dezembro 1929.

SUMARIO: *Em demanda da Verdade*, Serafim Leite.—*Dereito Canónico*, E. Jombart.—*A menoridade de D. Sancho II*, Luis G. de Azevedo.—*Os «modos de representação» das aguas minerais*, A. Herculano de Carvalho.—*Portugal em Sevilha*, Domingos Mauricio.—*Notas e factos.—R. de R.—N. Bibleog.—Obras recebidas.—Efemérides.—Indices do vol. IX.*

Imp. NÓS, Linares Rivas, 50. A CRUÑA

F. ROMAN E SACO

DROGUERIA e FARMACIA

Pereira, 19 — OURENSE — Teléfono 28

A hixiene nos nenos

é a garantía da sua saúde física e moral o día de mañá.

No diario aseo dos nenos emplee o

"Jabón Sales de la Toja",

único que âs suas altas calidades meiciñás xunta toda a finura e prefume d'un xabón de tocador.

Contribuie ô perfeito desenrolo das criaturas e evita o perigo da escrófula e o raquitísmo.

1pta PASTILLA

JABÓN LA TOJA

ÚNICO EN EL MUNDO

HELIOS

O Xabrón da Toxa é o mellor.

Honra á Galicia no mundo enteiro

P A R D O

ÓPTICO CENTÍFICO

Preguntoiro, 32 — SANTIAGO

San Andrés 50 — A CRUÑA,

CASA EISCRUSIVAMENTE ADICADA A ÓPTICA CENTÍFICA

FOTOGRABADO

Si quer qu-os seus fotógrabados sexan o mais perfeito posibres, convenlle envialos aos

Talleres de fotograbado ESPASA-CALPE S. A.

Ríos Rosas, 24-Apartado, 547 MADRID

Drogueria e Farmacia

LUIS FÁBREGA

Progreso, esquina a Luís Espada

OURENSE

MERQUE VOSTEDE

Plumeiros **RAFIUM**

De mais dura qu'os de prúma e limpan millor. Véndese en todol-os estabrecimentos do ramo

Andrés Perille - OURENSE

BODEGAS GALLEGAS, PEARES E OURENSE

Viños finos de mesa: Tinto TRES RIOS. Blanco BRILLANTE

LOS GALLEGOS blanco e tinto

Macía e Valeiras, Apartado 18 - Ourense

Sanatorio Quirúrgico de San Lorenzo

SANTIAGO DE GALICIA

DE LOS PROFESORES

D. Fernando Alsina — **CIRUJANO**

y

D. Antonio M. de la Riva — **GINECÓLOGO**

Establecimento dotado de todol-os elementos que exixen a terapéutica e a hixiene modernas, situado nas aforas da poboazón, moí cerca do paseo da Ferradura

Teléfono número 195

Pra detalles, calquera dos Direitores ou o Médico interno